

amm

AVE MARIA - REVISTA MENSAL - ANO LXXXIX
N.º 2 - FEVEREIRO 1988 - C\$ 45,00



1888-1988:
Escravidão ontem e hoje?

MARIA, MÃE DOS POVOS DA AMÉRICA LATINA

*Do alto do teu trono, ó Virgem Maria,
lança o teu olhar meigo, maternal,
sobre a imensa América Latina!
Cobre com o teu manto os pobres
sem casa, sem terra, sem uma morada
permanente.*

*Ninguém, ó Virgem, sinta o frio
gélido da noite sem estrelas,
ninguém sinta o vento glacial do
desamor que mata dia a dia
milhões de homens em busca
da paz verdadeira!*

*Maria, que tu sejas a Senhora,
motivo de alegria e fonte
de inspiração no novo
caminho aberto na evangelização
na América Latina.*

*Sejas a nova estrela da evangelização
que surge no límpido céu da nossa terra,
anunciando o novo dia, o novo tempo
de uma fraternidade que não conhecerá
o ocaso, nem o medo da noite!*

*Em ti, ó Maria, os povos de nosso
martirizado continente latino-americano em
busca da liberdade, ainda marcados pelas
correntes pesadas da escravidão, olham o
novo futuro.*

*Caíam, ó Virgem, as correntes da escravidão
moderna, da exploração dos fortes.*

*Que os povos saibam reerguer-se e caminhar
para tua luz, ao encontro do novo
e da nova terra!*

*(Do livro Nossa Senhora da América Latina, de frei
Patrício Sciadini e Ana Paula Coutinho. Ed. Loyola)*

4. IGREJA NO MUNDO
6. CONSULTÓRIO POPULAR
7. COMO SEMPRE. QUEM SOFRE É O PEQUENO
8. UM BRASIL QUE NINGUÉM CONHECE
10. MENSAGEM DO CONSELHO PERMANENTE
13. OUVI O CLAMOR DESTA POVO
15. ESCRAVIDÃO ONTEM E HOJE?
16. A PALAVRA DO PAPA
17. ANO MARIANO
19. CIDADES DO MEU BRASIL
21. PÁGINA DO CATEQUISTA
22. UDR PRESSIONA E LIQUIDA COM OSA ACAMPAMENTOS DOS SEM—TERRA NO MT
23. SER PROFETA HOJE
24. MEU LAR, MINHA ALEGRIA
26. ALCOOLISMO
27. EU E OS OUTROS
28. A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA
31. LEITORES ESCREVEM
32. LIVROS RECEBIDOS
33. QUE BOM QUE VOCÊ VEIO
34. ESCOLA POPULAR DO SACAVÉM

am
avemaria

Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 221 689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 67, e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209 / 73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS n.º 14 696)

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barbosa e Nelson Veríssimo (assistentes)

Preparação e revisão: Lupércio E. de Oliveira

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 — (Vila Buarque — CEP 01226) — São Paulo.

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54 215 (CEP 01227) — São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista **Ave Maria**. — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinatura são feitas por banco ou correio.

Preços: números avulsos: Cz\$ 45,00; assinatura nova e renovação: Cz\$ 500,00; assinatura de benfeitor: Cz\$ 600,00. Promoção para janeiro e fevereiro (assinatura e renovação): Cz\$ 350,00.

Um passo a mais

Há 25 anos a Igreja católica vem concentrando os esforços para fazer da Quaresma um tempo de real conversão. São 25 anos de campanhas da fraternidade e em cada ano um tema específico para facilitar a compreensão e o compromisso da fé cristã.

Neste ano o tema é “Fraternidade e o Negro”. O tema é polêmico sobretudo porque neste ano se comemora o centenário da Lei Áurea. A proposta da Igreja com este tema vai além do aspecto comemorativo dos 100 anos de abolição da escravatura, quer despertar nos cristãos a consciência da dignidade de todos os humanos, a compreensão das situações de marginalização do homem negro e qual o seu papel na sociedade brasileira atual. É um passo a mais em direção da fraternidade.

Os subsídios da CNBB para a Campanha da Fraternidade mostram que, apesar da complexidade do tema, a Igreja também se dispõe a abordá-lo e, “fiel a sua missão, a Igreja o faz na oração, na reflexão, no estudo e no diálogo em espírito de penitência e em busca da verdade que liberta”. Não se trata de julgar o passado escravista com os critérios do presente. Trata-se, isto sim, de reconhecer, à luz da Fé, que os traços deste passado permanecem ainda hoje e são contrários à dignidade do homem, à fraternidade e à justiça. A consciência e denúncia dessa situação é indispensável para a conversão e conseqüente mudança efetiva de nossas atitudes e para a necessária transformação social.

Sempre diante das questões difíceis, sofremos dois tipos de tentação. Ou fechar os olhos para não ver a realidade, ou fugir. Nem uma nem outra atitude ajudam a caminhar. Educados e acostumados a delegar a outros o poder de decisão, quase nos esquecemos de que somos cidadãos, isto é, pessoas com direito de serem sujeitos da história, com direito à participação. Quase sempre nos esquecemos de que somos filhos de Deus, do Deus que liberta e aponta a terra prometida, mas quer que nós mesmos caminhemos, com nossos próprios pés.

Para decidir-se corajosamente a dar mais um passo em momentos difíceis, os cristãos buscam lições deixadas por Deus na Bíblia. Herdamos a história do povo de Deus e a força do Espírito que direcionava esta mesma história. Em Êxodo 3, 7-10 Deus ouve o clamor dos escravos oprimidos, aos quais chama de filhos e se dispõe a aproximar-se deles para libertá-los, resgatá-los das mãos do opressor e conduzi-los a uma terra nova onde haja paz, alegria e felicidade.

Em meio a estes fatos antigos, mas cuja relação de opressão se repete tão freqüentemente em nosso tempo, há grandes lições: uma realidade de miséria e escravidão que provoca a reação do próprio Deus condenando a situação de escravidão; uma promessa que se viabiliza com a consciência e colaboração do homem que se põe a caminho, que acredita e por isso dá mais um passo rumo à liberdade, rumo à fraternidade.

A Campanha da Fraternidade deste ano ajuda-nos a perceber o quanto somos preconceituosos e o quanto isso, na prática, sustenta a injustiça e impede a fraternidade. Além disso a Campanha da Fraternidade/88 é um importante gesto concreto de solidariedade para com a comunidade de cor negra e de união de todos, no amor de Cristo, em direção a uma sociedade justa e fraterna.

P. C. G.

A Igreja Católica nos Estados Unidos

Washington (CIC). Atualmente a Igreja Católica nos Estados Unidos conta com 53 milhões de fiéis (22% da população). A Igreja é servida por 397 bispos, 34.471 padres diocesanos, 18.911 padres religiosos, 112.489 religiosas, 7.418 irmãos religiosos e 7.981 diáconos. Conta ainda a Igreja com 238 estabelecimentos de ensino com 558 estudantes. Quanto aos negros, dos 28,6 milhões de negros norte-americanos, 2 milhões são católicos. Os bispos negros são 11, mas só 1 com diocese. Somente em 1950 é que os seminários foram abertos aos negros. Há hoje 6 milhões de negros que não praticam nenhuma religião.

Sacerdotes e religiosos não votam no México

México (CIC). País de esmagadora maioria católica (94% da população), os sacerdotes católicos não podem votar. Esta proibição consta expressamente no artigo 130 da Constituição Mexicana, promulgada em 05. 02. 1917. Recentemente, dois partidos mexicanos, o Partido Socialista Unificado do México (PSUM) e o Partido Democrata Mexicano

(PDM) fizeram moções para modificar o artigo 130 da Constituição, mas esbarraram na forte oposição do Partido Revolucionário Institucional (PRI) — que não perde uma eleição desde 1929 — e do Partido Popular Socialista (PPS), contrários à concessão desse direito cívico a sacerdotes e religiosos.

América Latina e desnível econômico

Genebra (CIC). Conforme as estatísticas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), com sede em Genebra, Suíça, a América Latina, com pouco mais de 20 milhões de km², tem 410 milhões de habitantes. Destes, 34% vivem de fato bastante modestamente; 20% participam de 3% das riquezas produzidas; 50% ficam com 20% da renda; os classificados como classe média perfazem 20% e se apropriam de 28% da renda. Quanto aos 10% mais ricos se apoderam de 43% da renda latino-americana.

Rádio São Gabriel: 12 anos de atividades

La Paz (CIC). Completando 12 anos de atividade, a rádio São Gabriel, fundada pelos Missionários de Maryknoll, tem a seu favor uma ampla campanha de alfabetização e promoção

integral dos índios Aymara, dos planaltos da Bolívia. Atualmente, a rádio São Gabriel é dirigida pelos Irmãos de La Salle e conta entre os seus colaboradores com 53 índios. Seus programas têm uma audiência de mais de dois milhões de pessoas, e vão ao ar durante 15 horas diárias. Nas aldeias e povoados, há 24 postos de audição para os índios e mais de 100 cooperativas agrícolas e associações de camponeses seguem as orientações técnicas, ministradas pela rádio São Gabriel. A emissora publicou, ainda, 26 opúsculos bilíngües (em Aymara e Espanhol), para a formação dos camponeses.

Crianças da África do Sul sofrem reflexos do Apartheid

Brasília (CIC). Segundo o último documento do UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) sobre a Situação Mundial da Infância, os reflexos diretos do *apartheid* sobre as crianças da África do Sul foram notícia em 1987, na maioria dos países do mundo. Contudo falou-se pouco dos efeitos indiretos desse conflito sobre os 15 milhões de crianças dos nove estados vizinhos — Angola, Botsuana, Lesoto, Malavi, Moçambique, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue. Nos países duramente atingidos, o desmantelamento econômico e as ati-

vidades militares aumentaram as taxas de mortalidade infantil em cerca de 75%. Em Moçambique e Angola, em particular, taxas se elevaram a ponto de se alinharem entre as mais altas do mundo. O relatório conclui que, embora a seca, as enchentes, o declínio do comércio e os reflexos das políticas econômicas do passado tenham contribuído para essa crise, "os principais culpados são a guerra e a "pressão econômica".

Romaria pela moradia em São Paulo

São Paulo (CIC). Dia 6 de dezembro, domingo, aconteceu a grande romaria pela moradia em São Paulo. As comunidades saíram das nove Regiões Episcopais da Arquidiocese, com faixas e cartazes, a pé, de metrô e de ônibus, gritando o lema "Com Maria, Pela Moradia", até a grande concentração às 15 horas na Basílica de Nossa Senhora da Penha. A Igreja de São Paulo mostrou, no Ano Mariano, que caminha com Maria pela Moradia. Porque, em São Paulo, cerca de quatro milhões moram em cortiços, mais de um milhão em favelas, cerca de dois milhões e meio em casas precárias e mais de cem mil pessoas vivem na rua. Maria viveu o drama da falta de moradia, não encontrou lugar onde se alojar para dar à luz e Cristo foi colocado numa manjedoura. Maria sabe de que lado Deus es-

tá, por isso ela diz que Deus exalta os humildes e derruba os poderosos. Na Celebração Eucarística, presidida pelo cardeal Arns, celebrada com seus bispos auxiliares, cada Região Episcopal apresentou um aspecto de moradia: Santo Amaro — especulação imobiliária; Osasco — Migrantes; São Miguel — Cohabs; Belém — Cortiços; Sé — Sofredores de rua; Ipiranga — favelas; Lapa — despejados; Santana — aluguel; Itapevicirica da Serra — solo urbano. Assim, a Igreja de São Paulo mostrou que de fato assumiu a moradia como prioridade, ao lado da Comunicação e Mundo do Trabalho.

Um pequeno número de católicos na Noruega

Oslo (CIC). A Noruega é um pequeno país da região nórdica da Europa, com pouco mais de quatro milhões de habitantes. Tem apenas 12.500 católicos romanos, repartidos por todo o país em 28 paróquias. O Cristianismo lançou as primeiras sementes na Noruega no século XI, quando Olavo, rei dos vikings, se fez batizar, sendo venerado até hoje como Padroeiro do País. Em 1153 foi fundada a primeira diocese norueguesa,

sediada em Trondheim, tendo como titular dom Nicolau Breskespear. A noruega esteve perfeitamente unida à Igreja Romana até o século XVI, quando adotou o luteranismo. A hierarquia católica foi restabelecida na Noruega em 1843, quando se estabeleceu a primeira paróquia em Cristiânia, Oslo.

Presença Cristã em Israel

Tel-Aviv (CIC). Segundo os números do último recenseamento, feito em Israel, os cristãos somam naquele país 94.170 pessoas) não contando as zo-

nas da Judéia, Samaria e Gaza, que tiveram seu último censo em 1967). A população total de Israel é pouco superior a quatro milhões, o que dá para os cristãos a porcentagem de 2,3% do total. Também se acham divididos, como no resto do mundo, em diversas denominações. As principais são: Ortodoxa, Monofosita, Católica e Protestante. Compreendem cerca de 20 Igrejas antigas e autóctones e mais 30 grupos, de predominância protestante. Excetuando as Igrejas nacionais, como a armênia, as comunidades autóctones falam o árabe e ali se acham desde os tempos bizantinos.

Igreja lança documento rebatendo calúnias

Brasília (CIC). No dia 27 de novembro último, o Conselho Permanente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) realizou sua 19ª reunião ordinária. O destaque foi a recente acusação feita à Igreja por grupos privilegiados e corruptos que tentam impedir transformações fundamentais para a "consolidação de uma democracia amplamente participativa, na qual todos, especialmente os pobres e humilhados, tenham seus direitos respeitados e possam viver uma vida compatível com a dignidade de filhos de Deus".

Blocos privilegiados da sociedade, percebendo que a Igreja tem sido o maior empecilho para seus interesses pessoais, através de projetos desumanos e opressores, acusaram a Igreja de traidora da soberania nacional. Para tanto forjaram calúnias que, lamentavelmente, foram endossadas em documentos do Conselho de Segurança Nacional. As acusações buscaram, sobretudo, atingir três pontos: a reforma agrária, a desesperadora situação do Nordeste e a questão indígena. O Conselho Permanente da CNBB debateu sobre estas calúnias infundadas e absurdas e lançou como resposta o documento "A Serviço da Verdade, da Justiça e da Vida". O documento traz uma análise da atual conjuntura penosa que o Brasil atravessa. E mostra a luta da Igreja em favor daqueles que estão sendo empobrecidos e margi-

nalizados. Os bispos afirmam no documento que, neste momento privilegiado por que passa o nosso país, quando, através da elaboração da nova Constituição, se pode criar instrumentos jurídicos que abram caminhos para um processo participativo e transformador, deve-se levar em conta que esse processo só será possível se os constituintes colocarem os interesses da Nação e o bem comum acima dos seus interesses pessoais e de grupos ou blocos. Conforme o documento, a questão do Nordeste não é uma questão climática, é política. Os interesses que estão por trás determinam a situação. Também no tocante à reforma agrária, o documento afirma que a urgência da reforma agrária está expressa na multiplicação de acampamentos e ocupações por parte dos agricultores sem terra. E destaca: "A doutrina católica não é contra a propriedade, mas sim a favor de que ela seja estendida a todos". A situação indígena também não é diferente, reforça o documento. Os índios estão sendo cada vez mais encurralados por força de projetos financeiros de multinacionais (basta lembrar aqui o projeto Calha Norte).

É por causa desta luta que a Igreja é caluniada. Porque vai contra os interesses de grupos, como a UDR, que defendem, por exemplo, como direito absoluto uma escandalosa concentração de terras em grandes latifúndios. Por isso a Igreja alerta os cristãos a não participarem destas entidades. E o documento lastima as distorções e intenções maliciosas desses blocos portadores de um poder político e econômico destruidores do bem comum e da vida.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Quem são as Testemunhas de Jeová?

(J.D.F. - Jacarezinho, PR)

Uma seita que nem é cristã, nem protestante. Foi fundada por Charles Russel, presbiteriano, Congregacional, depois Adventista Calculou a vinda do Reino para 1914, quando Cristo tomou posse no Céu e enviou Satanás para a terra. Este movimento iniciou-se em 1872.

Para eles, Cristo não é Deus, mas uma criatura inferior a Deus. Ele era Miguel Arcanjo, que depois tornou-se o homem perfeito. Por viver uma vida virtuosa, ganhou a imortalidade. Ele é presentemente o Oficial Executivo principal de Jeová. Todos nós podemos receber a imortalidade permanecendo fiéis a Jeová e resistindo ao demônio.

Quando Lúcifer se revoltou, tornou-se governador do mundo e os homens lhe obedeceram. Ele continua reinando. Ele organizou Igrejas, o comércio e a política. A tragédia da história é que Satanás forçou a humanidade a praticar a religião através desta tríplice aliança — Igreja, comércio (capitalismo) e a política. Desde 1914 Cristo está lutando com Satanás e vencerá na Armagedon, batalha do fim do mundo. Logo depois chegará o milênio de 1.000 anos do Reino terrestre de Cristo, com felicidade completa, e logo os justos ressuscitarão. Os maus, juntos com Satanás, serão aniquilados. Os bons viverão para a eternidade. Desses, 144.000 herdarão o céu celeste (somente Testemunhas de Jeová), os outros bons ficarão no céu terrestre.

Eles não aceitam a transfusão de sangue, baseados em Lv 17, 10 e At 15,20, porque, para os judeus, a vida e a alma estão no sangue, e, transferindo-se o sangue de uma pessoa para outra, se estaria passando também a alma e a vida. Mas isto não é verdade e a Igreja aceita

plenamente a transfusão de sangue, uma vez que concorra para salvar vidas humanas.

Eles não aceitam também o serviço militar e julgam que os governos civis são demônios, mas são necessários para evitar a anarquia. (Cf. Apostila de Ecumenismo, S. Th., 1986)

OS SANTOS, MODELO A SEGUIR

Por que só na Religião Católica tem santos? E nas outras religiões não tem?

(A. L. Tramandai, RS)

No início da Igreja, com as perseguições, os cristãos testemunhavam sua fé com a vida, primeiro as perseguições dos judeus, depois as dos romanos. Surgiu, desde o século II, o costume de venerar e colocar como exemplo para a comunidade cristã aqueles cristãos que deram sua vida por causa do Evangelho, sendo ao mesmo tempo exemplo para os fiéis enfrentarem as perseguições. Surgiram assim o culto dos mártires e a celebração da eucaristia sobre seus túmulos.

Quando do reconhecimento da Igreja por parte do império romano, o martírio já não existia; procurou-se outras formas de viver radicalmente a fé, surgindo a Vida Religiosa como fuga do mundo e vivência radical do evangelho, como também outras formas, como os confessores, aqueles que testemunhavam e asseguravam a fé diante das heresias e críticas à Igreja.

Na história da Igreja, milhares de cristãos deram um testemunho concreto de fé para sua comunidade e até morreram por ela; assim esta comunidade quis tê-los como seu pro-

tótipo de vida cristã. A Igreja, depois de um processo rigoroso de comprovar a autenticidade de vida cristã destas pessoas, proclama para a veneration de todos que determinada pessoa é Santa, isto é, que viveu radicalmente em sua vida a fé cristã e está junto de Deus, intercedendo por nós, que ainda peregrinamos nesta terra. Então, antes de ser uma adoração a estas pessoas, a comunidade cristã presta uma homenagem e ao mesmo tempo procura viver o seu ideal de vida.

E antes de imaginarmos que a santidade é apenas para religiosos ou mesmo para o passado, ela é uma consequência de nosso batismo, por ele somos chamados a ser santos, onde vivemos e naquilo que realizamos em prol da humanidade, não somente fugindo das realidades concretas, mas antes de mais nada procurando assumi-las e dando a devida contribuição para a construção de uma nova sociedade.

E ainda, a santidade não é privilégio apenas da Igreja católica, cabe falar de santos, também no protestantismo, e até fora do cristianismo, visto que, fora da Igreja Católica, o Espírito Santo atua "com dons e graças" e "tem fortalecido a muitos até o derramamento de sangue" (LG, 15).

Portanto, ter santos não é privilégio da Igreja Católica, apenas ela procura reconhecer e colocar para exemplo dos fiéis alguns que com sua vida cristã sobressaíram e são colocados como intercessores nossos junto a Deus. E em outras Igrejas não há este costume, mas reconhecem a vida exemplar de seus fiéis.

(Cf. *Sacramentum Mundi*, vol. 6, p. 249s, Ed. Herder - Barcelona.)

Luiz C. Botteon, cmf

Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.

Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta.

Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.

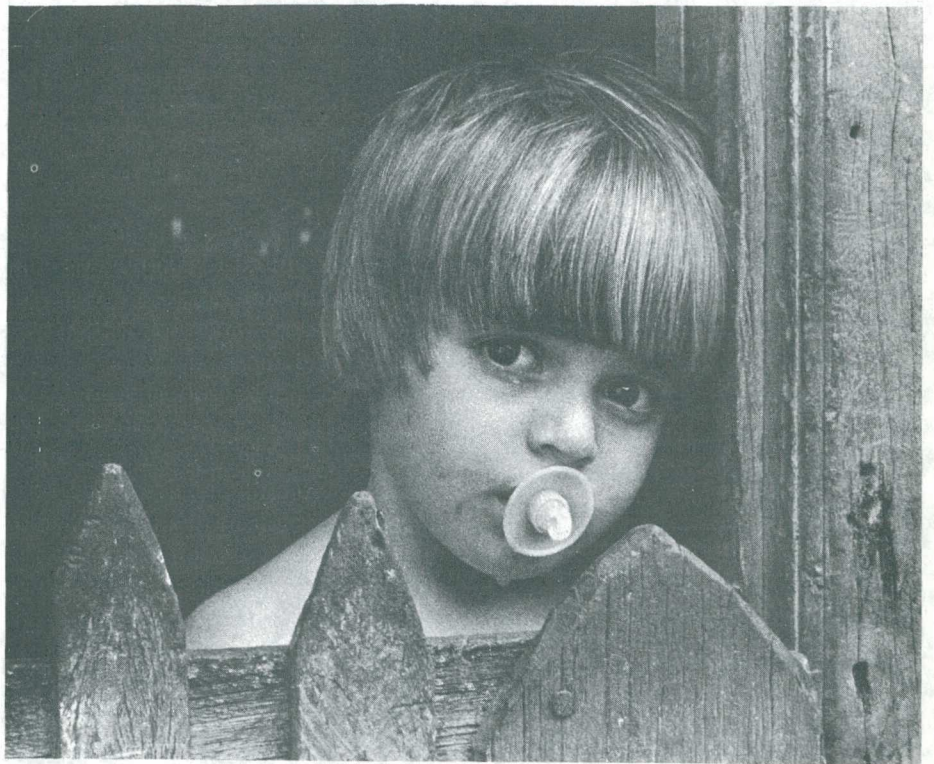
Correspondência para: Equipe Consultório Popular
Caixa Postal 153 — CEP 80.000 — Curitiba (PR).

Ninguém mais agüenta as justificativas dadas para os aumentos constantes de preços, tarifas, taxas e quejandos. "É para acompanhar os índices inflacionários", dizem todos. Todos, principalmente as empresas estatais ou para-estatais, como Petrobrás, Eletronor, Telebrás etc. As empresas privadas não ficam atrás. Todos os dias as passagens de ônibus sobem, os custos dos alimentos disparam, os materiais de construção, os eletrodomésticos, os vestuários, as anuidades escolares etc. sobem para acompanhar os índices inflacionários. Mas é de se perguntar aos gananciosos empresários privados e aos empresários governamentais: e os índices inflacionários também não incidem sobre os salários do trabalhador, do operário, do funcionário público? Como podem eles pagar suas contas de água, luz, telefone, pôr gasolina em seus veículos, pagar as mensalidades dos colégios, comprar roupas e comida para seus filhos, se a cada dia seu salário fica mais curto, porque o Governo precisa repor em seus cofres o que a inflação comeu? Quem foi que inventou a inflação, senão a incompetência administrativa que temos? Se falta dinheiro nos cofres do Governo e dos empresários privados, eles avançam no bolso do assalariado. Mas quando falta dinheiro no bolso do assalariado, ele não tem em quem avançar, nem para quem apelar. SUNAB? Qu'est-ce que c'est?

Como vemos, a corda sempre arrebenta do lado mais fraco, que nem pode reclamar, fazer greve, protestar, porque é logo tachado de subversivo, desordeiro. Gritar para ter o que comer, onde morar, onde estudar é considerado subversão. Mas, não se considera subversão da ordem social escoraçar o bolso do pequeno, do assalariado. Pois as desordens sociais que acontecem no Brasil atualmente, as invasões de terras pelos agricultores, os protestos generalizados, são uma desordem-social-efeito de uma desordem-social-causa, que nasce do assédio

Como sempre, quem sofre é o pequeno

Geraldo Barboza de Carvalho



constante do Governo ao bolso dos assalariados. A desordem nasce do próprio Governo, que pretende corrigir seus erros econômicos e financeiros à custa de quem não tem culpa: os assalariados. Por isso, as desordens sociais em todo o Brasil só têm um endereço: BRASÍLIA. A cúpula dirigente do País, que mantém um sistema centralizador. Seu primeiro nome é incompetência e desrespeito pelo povo sofrido. Nem adianta o Ministro da Casa Civil (finalmente civil) invocar Goethe e dizer que prefere a injustiça à desordem, ou seja, prefere a ordem à justiça, ou, prefere a ordem, mes-

mo que não haja justiça. Retrato fiel da situação de insensibilidade do Governo para com seu povo. Razão que explica por que se tira tanto desse povo, se exige tanto dele e tão pouco lhe dá. Razão evidente por que temos uma ordem econômica iníqua, e o Governo a mantém sob pretexto de que a ordem justifica o ato de Governo, acima da justiça.

Não entra nas mentes esclarecidas que um Ministro de Estado profira, tão friamente, tamanho despautério. Isto acontece porque nesta democracia pernetta o povo não tem vez. Porque, aqui, "pobre é como cachimbo".

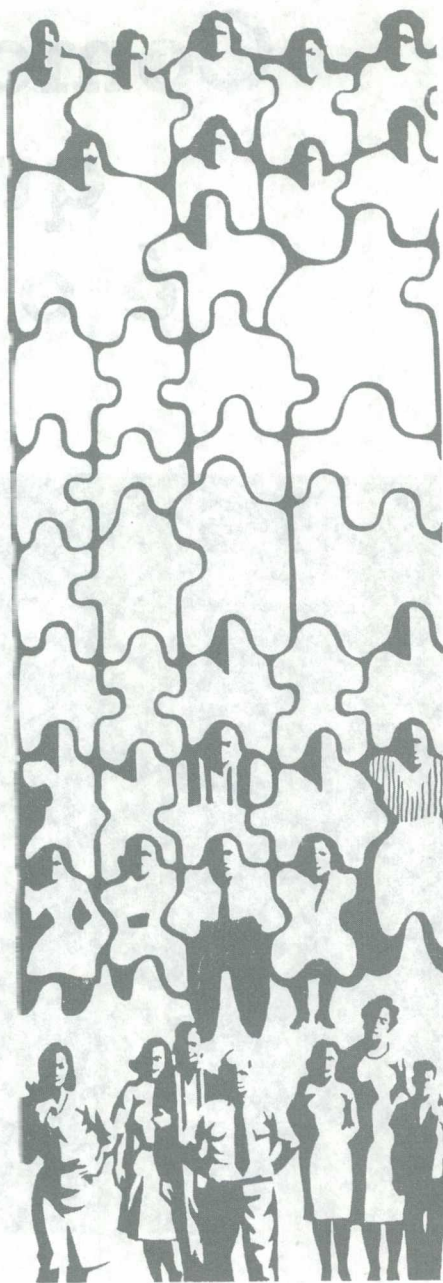
Um Brasil que ninguém conhece

A história atual do povo brasileiro está profundamente marcada pelo desânimo e pelo derrotismo. Há decepção com a economia, com a constituinte, com os políticos, com os projetos futuros.

É hora de se apresentarem e agirem os homens e mulheres de boa vontade, isto é, os que desejam ser sujeitos da história.

O momento histórico proíbe a ingenuidade do pensar: "não tem jeito, não!" Exige, sim, o exercício de cidadania, de participação mais consciente.

É infantil e imaturo aquele que pensa que as soluções cabem a uns poucos e privilegiados "heróis". Os homens de boa vontade não se omitem nem delegam a ninguém as próprias responsabilidades de cidadãos.



"Uma batalha perdida é uma batalha que a gente pensa ter perdido"

O Congresso Nacional Constituinte está na sua fase decisiva. E ainda faltam as importantes etapas dos congressos constituintes estaduais e municipais, sucessivamente. E mais: tão importante quanto a redação dessas constituições, é a etapa posterior, em que se regulamenta, através de leis, o que essas novas constituições determinarem.

Não é hora dos homens e mulhe-

res de boa vontade — sensíveis à enorme e revoltante miséria que toma conta da maior parte do povo brasileiro — saírem da luta, baixarem as bandeiras, se entregarem ao desânimo, à decepção paralisante ante a falta de soluções que a nova Constituição Federal apresenta. Nem é hora de buscar embaixadas de países ricos para ver opções profissionais (como a imprensa tem mostrado).

***Em política,
nada é definitivo.
Quem age, muda***

É preciso ficar de pé. Em primeiro lugar, porque toda caminhada oferece constatações, descobertas, oportunidades. "Quem planta, colhe", diz o ditado. É preciso garantir as escassas novidades que se está conquistando, para que não se percam ao longo dessas etapas. Ou então, estar atento às possibilidades de novas conquistas nessas etapas. A realidade política de um País, afinal, é dinâmica, pode-se dizer mesmo que nada é definitivo. Nem as derrotas.

Os homens e mulheres de boa vontade (aqueles a quem se dirigiram os anjos ao anunciar, em Belém, o nascimento de Cristo) têm uma enorme batalha pela frente no Brasil, contra "direitos adquiridos", que são privilégios abusivos; uma luta para ajudar, aos poucos, através da organização e da consciência de cidadania, a imensa maioria do povo brasileiro a sair da miséria, do analfabetismo, do atraso político; livrá-lo de um Estado que não serve o povo mas o vigia e controla, e que usa o planejamento não para propiciar melhorias mas para acentuar ainda mais a concentração de renda e as diferenças.

É tarefa dos homens e mulheres de boa vontade, que crêem "obstinadamente no contágio do bem, no poder da verdade",² de enfrentar, sem rancor nem violência, mas com determinação e conhecimento, uma

elite que quer, manifestamente, a miséria, a má distribuição da renda, a falta de soluções e a não-evolução política, como se tem visto através do Congresso Constituinte.

"A gente nunca está sozinho, mesmo nas horas de pior solidão. Desde que alguém afirme a verdade, desde que queira o bem, desde que combata pela justiça, faz muitos inimigos, mas prepara também muitos amigos. Ao lado de cada um de nós, outros há que amam a verdade, o bem, a justiça. Amanhã, estarão todos abertamente a nosso lado. Mesmo entre os que hoje se opõem à nossa ação há sempre homens dispostos a se unirem conosco, desde que conheçam os nossos verdadeiros sentimentos".³

Qual é, afinal, nosso projeto de República, de País?

Os homens e mulheres de boa vontade são, mesmo, proibidos de serem ingênuos. Precisam estudar e conhecer profundamente a história do País, das instituições, dos grupos políticos e do povo. Assim entenderão melhor os fracassos, os golpes, assimilarão com maturidade os reveses e agirão com mais segurança. "Aquele que sabe, porque viu, porque experimentou, porque meditou longamente, não ficará dependendo da aprovação dos outros; seguirá com segurança o próprio caminho."⁴

Os brasileiros de boa vontade têm um complexo de derrota. Começa pela Independência, combinada às pressas com a casa real de Portugal, ao vê-la inevitável, querendo "garantir a boca", com o compromisso de não acabar com a escravidão (grande temor dos senhores de escravos, caso se instituísse a República na época). Vem a própria Abolição, quase 400 anos de lutas, e eis que ela vem só depois de intensas pressões da Inglaterra (a qual sabia que escravo não compra, nem

vende) e depois do Governo haver financiado a libertação dos escravos pelos fazendeiros, sem garantir coisa alguma aos "novos cidadãos", os ex-escravos. Até hoje.

A própria república, sistema de governo desejado desde as lutas coloniais pela Independência, contra o absolutismo da monarquia portuguesa, ao se ver instaurada por elites atrasadas, decepcionou novamente o povo, que acabou vendo que, daquele jeito, ela não passava de uma continuação dos piores vícios e limitações da própria monarquia.

A chave das ações das elites é *mudar, sem mudar*. Isso está registrado nos melhores manuais de história, mesmo nos desonestos e facciosos. A lista é longa: pode incluir a luta tenentista por mudanças, e a decepção em 1930, mais a ditadura de Vargas; o golpe de 64, a luta contra o AI-5, a empolgante campanha pelas diretas, e a decepção do "acordo" que criou a "nova República"; a luta por uma constituinte inovadora, e o que se tem aí etc.

Mas, quem sabe, haja nesses desfechos frustrantes grandes lições que devemos aprender. Será que temos um claro projeto nacional? Será que sabemos o que queremos de um projeto moderno de Estado como é a República, sem os vícios e abusos da que está aí? Já refletimos alguma vez na federação brasileira e em suas grandes possibilidades de participação na administração pública e de mais democracia? Refletimos alguma vez sobre *o que significa ser cidadão?* Pensamos alguma vez no planejamento da ação do governo e de como podemos participar, queira ele ou não?

Como é que nos temos comportado diante dos partidos e sindicatos? Simplesmente condenando? Criamos alguma associação realmente democrática?

Enfim, a lista de perguntas é enorme. E provavelmente também a lista das ausências de respostas... Sobre um Brasil que não conhecemos.

"Construir o estado, em vez de querer destruí-lo"

O diretor do Centro de Estudos e Acompanhamento da Constituinte (CEAC), da Universidade Nacional de Brasília, João Gilberto Lucas Coelho, ex-deputado federal, num artigo recente (Um grande povo, sem projeto nacional. *Folha de S. Paulo*, 11-12-87) colocou o dedo na ferida: "Hoje somos, também, um povo sem projeto nacional. Não temos, predominante, uma estratégia e um objetivo geral". E critica esquerda e direita na sua maneira de encarar o Estado, as instituições, do que resulta "a perda do próprio espírito de nação", quando se chega ao cúmulo de exportadores, e até ministros militares concordarem com sanções externas contra decisões nossas (informática, por exemplo).

"Nos últimos anos — diz João Gilberto — predomina perigosamente um sentimento generalizado de destruir o Estado, de negar suas instituições, ao contrário do que seria lógico: a luta para assumir o Estado e a busca de mudar suas políticas e estruturas."

A esquerda, por ver no Estado algo que é de poucos, que representa a dominação e o autoritarismo, prefere negá-lo ao invés de submetê-lo aos interesses da maioria. E a direita, absurdamente, reage a todo tipo de presença de Estado na sociedade "como se fosse possível dispensar o Estado e suas estruturas no mundo atual".

Como se vê, os que querem mudanças também têm parte de culpa pelos reveses. Há ainda tanta coisa por começar, que é ridículo, no mínimo, "entregar os pontos". ●

José Carlos Salvagni

1. Pe. Le Bret (citando o militar Ferdinand Foch). *Princípios para a ação*. 8. ed. São Paulo, Duas Cidades, 1984. p. 31.
2. Idem. *Ibidem*, p. 83.
3. Idem. *Ibidem*, p. 35.
4. Idem. *Ibidem*, p. 21.

MENSAGEM DO CONSELHO PERMANENTE

Para preparar a pauta da próxima assembléia geral do episcopado brasileiro, aprofundar a presença da igreja na grande imprensa na atual conjuntura, estudar as solicitações do segundo encontro nacional de presbíteros, sentir os avanços do sínodo sobre leigos e a problemática entre governo e igreja no contexto da constituinte e das acusações ao Conselho Indigenista Missionário, além de diversas comunicações, 26 bispos (três cardeais, sete arcebispos e 16 bispos), da presidência, comissão episcopal de pastoral e delegados das 15 regionais da CNBB, integrantes do Conselho Permanente da CNBB, estiveram reunidos em Brasília, de 24 a 27 de novembro de 1987. No encerramento dos trabalhos, os bispos lançaram sua Mensagem ao povo de Deus: "A serviço da verdade, da justiça e da vida", cuja íntegra transcrevemos:



A serviço da verdade, da justiça e da vida

O Conselho Permanente da CNBB, em sua 19.ª reunião ordinária, analisando a conjuntura penosa que o Brasil atravessa, deseja reafirmar sua esperança no processo democrático e na atuação da assembléia nacional constituinte.

A Igreja, de há muito, assumiu posições públicas e notórias em favor das transformações indispensáveis para a consolidação de uma democracia amplamente participativa na qual todos, especialmente os pobres e humilhados, tenham seus direitos respeitados e possam viver uma vida compatível com sua dignidade de filhos de Deus.

A elaboração da nova constituição é o momento privilegiado para a criação de instrumentos jurídicos

que abram caminhos para esse amplo processo participativo e transformador, o que só será possível se os constituintes colocarem os interesses da nação e o bem do povo acima de seus interesses pessoais e de grupos ou blocos.

Conscientes de que nenhuma transformação social é sólida e duradoura se não fundada em grandes valores morais e religiosos, a Igreja lutou pela defesa da vida contra os abortistas, pela defesa da família contra os divorcistas, pela liberdade do ensino contra o laicismo estatizante, pela defesa de uma autêntica reforma agrária e justa distribuição do solo urbano, defesa dos direitos dos trabalhadores contra todas as discriminações, pela liberdade de atuação dos missionários, pela defesa de todos os oprimidos contra os interesses de privilegiados e corruptos.

Foi o bastante para que se levantasse contra ela uma reação surpreendente no momento em que se pretende abrir espaços para o pluralismo democrático.

Acusada de trair a soberania nacional, a Igreja foi caluniada usando-se para isso de documentos forjados e foi surpreendida pela divulgação de textos, onde sua atuação pastoral é distorcida como ingerência indevida nas responsabilidades do estado.

Quanto à sua ação pastoral em favor das populações e regiões mais carentes, queremos lembrar, neste ano de seca, o que dissemos em 1983 no documento sobre a realidade do Nordeste brasileiro: "o problema do nordeste não é só a falta de água, de chuva ou de seca". Não é uma questão apenas climática, mas sim uma questão política. Constatamos infelizmente que, quatro anos depois, praticamente nada mudou no que diz respeito à grave situação do Nordeste.

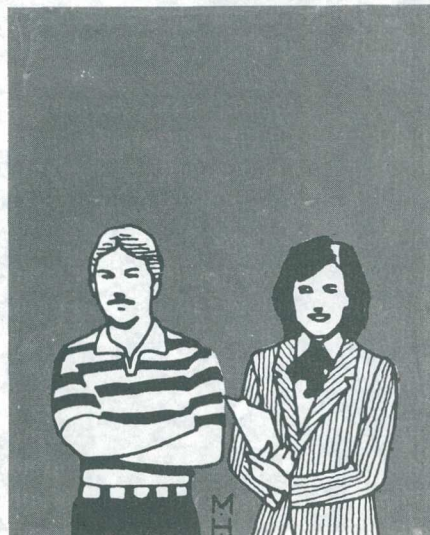
Recordamos também que a Igreja tem repetidamente insistido sobre a urgência e a abrangência de uma autêntica reforma agrária. Prova dessa urgência é a multiplicação dos acampamentos e ocupações por parte dos agricultores sem terra. A doutrina católica não é contra a propriedade, mas sim a favor de que ela seja estendida a todos. Esta posição da Igreja é radicalmente diversa da posição de pessoas e organizações como a URD (União Democrática Ruralista), que defende como direito absoluto uma escandalosa concentração de terra pela apropriação de grandes latifúndios, excluindo assim do acesso à propriedade da terra aqueles que querem dela viver e nela trabalhar. Estando essa atitude em clara oposição aos ensinamentos sociais da igreja, alertamos os cristãos a que não participem dessas entidades que, além do mais, vêm atacando sistematicamente trabalhadores rurais e religiosos e obstruindo o caminho da democratização da sociedade brasileira.

Quanto à ação missionária da igreja, reafirmamos o seu compro-

misso de apoiar e defender a vida em plenitude, particularmente a vida ameaçada dos povos indígenas. A eles renovamos a nossa solidariedade, na defesa intransigente dos seus direitos. Alertamos para os perigos de uma integração forçada na sociedade majoritária, onde fatalmente se encontrarão em condições de inferioridade, e estimulamos as comunidades indígenas a se organizarem sempre melhor.

Aos missionários junto aos povos indígenas, todos integrantes do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) — bispos, sacerdotes, religiosos e leigos —, e a seus organismos de assessoria e animação, em nível nacional e regional, manifestamos nossa admiração e apoio, incentivando-os em nome de Jesus Cristo libertador, a que não desanimem e não se deixem intimidar, pois assim como o perseguiram, também agora perseguem a igreja missionária (cf. Jo 15, 20).

Especialmente o nosso irmão no episcopado, dom Aldo Mongiano, bispo de Roraima, alvo de calúnias absurdas, lamentavelmente endossadas em documentos do Conselho de Segurança nacional, queremos expressar nosso fraterno apoio, lembrando que o próprio Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, Órgão oficial do Ministério da Justiça, já o isentou de todas as acu-



sações reiteradamente feitas: "Afasto, pois, em relação à diocese de Roraima, qualquer outra inspiração que não a motivação aqui exposta de evangelização", são os termos do relatório.

Apesar deste reconhecimento, permanecem expulsos os missionários arbitrariamente retirados do convívio das comunidades indígenas a que serviam

A toda a sociedade, em especial aos pobres da nossa terra, pedimos que não se deixem influenciar pela campanha contra os povos indígenas e a Igreja, e mantenham o espírito de Jesus Cristo que nos faz irmãos. Pedimos, ainda, que em nome desta fraternidade assumam gestos concretos de apoio aos irmãos índios.

Os que lutam contra a atuação transformadora da Igreja não percebem, infelizmente, que caminham contra a história. Todos os povos que hoje atingiram níveis de decência democrática tiveram que enfrentar as tentativas de obstrução de seus esforços emancipadores. Nos países onde os canais democráticos foram abertos, esta emancipação se fez por via pacífica — onde eles foram obstruídos, ela se fez pela violência revolucionária. Tentar repetir esta última experiência no Brasil é caminhar para uma insensatez absolutamente inútil e perigosa.

A Igreja lastima a distorção maliciosa de suas intenções. Consciente de suas humanas limitações, procura empenhar-se sinceramente, mesmo se através de métodos e de estilos diferentes, a promoção das justas transformações que preparem um Brasil digno e saudável. Seu empenho não se alimenta em pretensões de prestígio ou poder, nem se inspira em ideologias, mas se funda na sua fé em Deus, na sua fidelidade ao evangelho e no reconhecimento da dignidade da pessoa humana e do valor de uma convivência social fraterna. ●

CNBB
Brasília, 27 de novembro de 1987

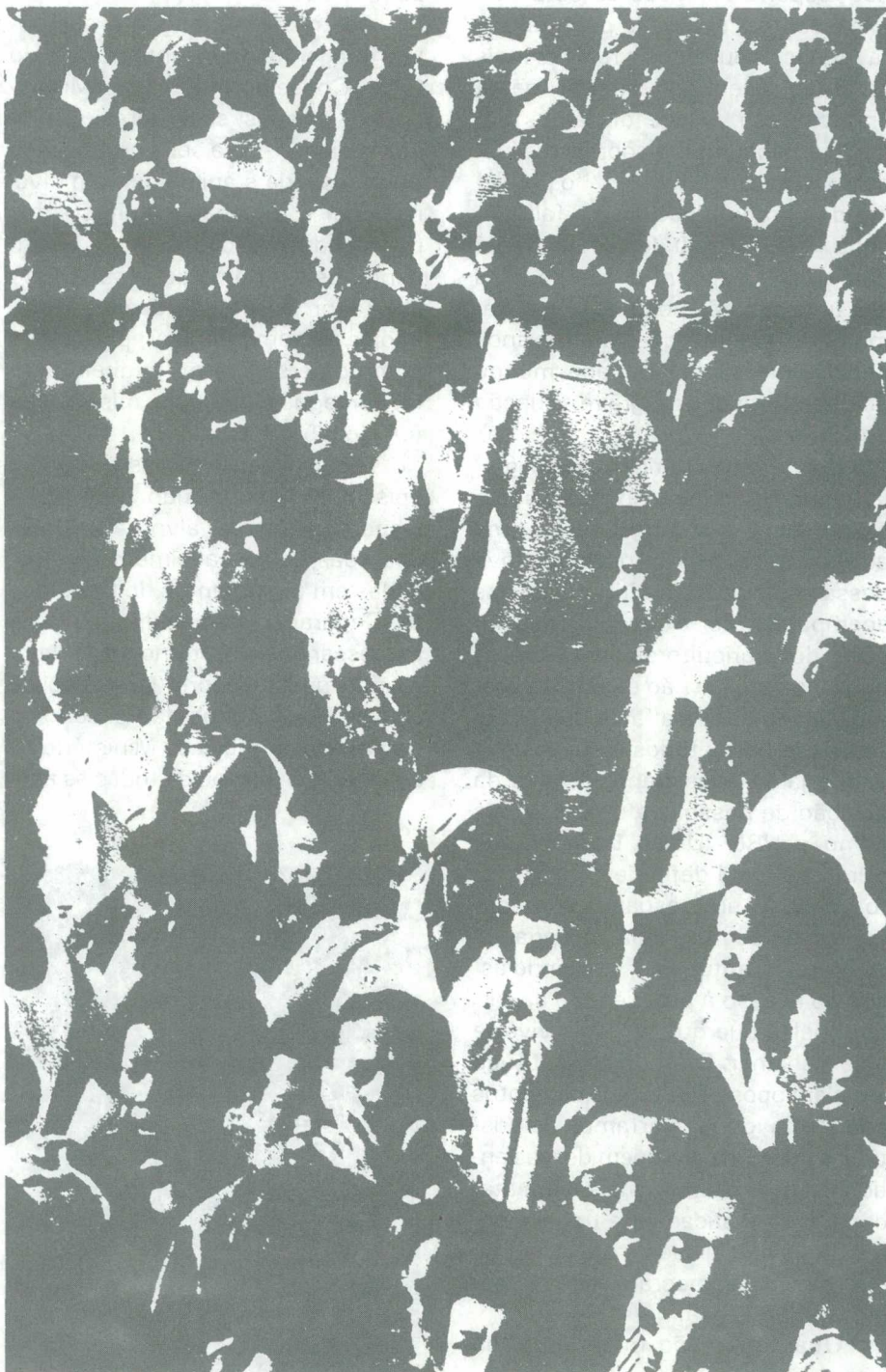
A Campanha da Fraternidade deste ano propõe para os cristãos, e também para os homens de boa vontade, uma consciência mais esclarecida e uma prática maior da fraternidade em relação ao próximo, particularmente o negro.

Esta é a 25ª Campanha da Fraternidade. Todas elas têm tido o mesmo objetivo: nossa adesão a Jesus Cristo porque assim todos saberão que somos discípulos do Mestre, se nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou (Cf. Jo 13,34-35 e 15,12).

O propósito é puramente evangélico: convocar os cristãos à conversão e à união de forças em vista da construção de uma sociedade marcada pela justiça e pela fraternidade.

OUVI O CLAMOR DESTE POVO

(CF-1988)



A fraternidade e o negro

Este é o tema da Campanha da Fraternidade deste ano. Em 1988, comemora-se o centenário da abolição legal do trabalho escravo no Brasil.

Como comunidade que busca a verdade, a Igreja também se dispõe a abordar esse tema que, por razões históricas, se tornou complexo e polêmico. A Igreja reconhece, hoje, que nem sempre tratou a situação vivida pelos negros com a "devida atenção evangelizadora e libertadora" (Puebla 8,40).

A questão central é a da justiça, isto é, se hoje continuam a existir situações de preconceito, de marginalização, de discriminação do negro, de escravidão, é porque a estrutura social vigente no Brasil é ainda injusta.

É a busca da fraternidade cristã que faz com que a Igreja insista em favor dos oprimidos de nossa sociedade. E essas causas estruturais não podem ficar desconhecidas. Assim como os negros, há também os índios, os trabalhadores rurais e urbanos, as mulheres empobrecidas, os menores carentes que clamam por justiça. São os sistematicamente empobrecidos que têm o direito de integrar-se numa sociedade nova, que corresponda ao projeto de Deus.

Os negros no Brasil

Utilizando-se o censo de 1980, de um total de 119.011.052 pessoas, 7.046.906 se auto-classificaram como "pretos" e 46.233,53 como "pardos"¹. Apesar de se sa-

ber que a pressão social leva muitas pessoas de origem negra a não se identificarem como "pretas", mas como "pardas" ou ainda "brancas", revelando assim uma sutil forma de preconceito racial introjetado, e com isso relativizando o valor dos números sociais, chega-se à conclusão de que 43% da população brasileira é constituída de negros.

A situação sócio-econômica do negro

Podemos perceber mais claramente as situações discriminatórias do negro no trabalho quando confrontamos dados.

Por exemplo: apesar da população ser praticamente metade da população brasileira, os brancos representam 57% da força de trabalho e ficam com 72% do rendimento, enquanto os negros e pardos representam 40% da força de trabalho e ficam apenas com 25% do rendimento².

Isso nos permite concluir que há uma presença majoritária da população de origem negra nas ocupações classificadas como "manuais", onde a remuneração geralmente é mais baixa.

A renda média mensal dos trabalhadores negros e pardos é significativamente inferior à dos brancos. Assim como também os dados de carteira de trabalho assinada.

Se considerarmos que a carteira assinada significa alguma garantia no caso de doença, acidente de trabalho ou aposentadoria, fica evidente, por um lado, a precariedade da eficácia de uma lei que já tem mais de 50 anos e, por outro, aparece evidente que, numa sociedade em que o conjunto de trabalhadores goza de escassas garantias trabalhistas, os negros encontram-se em situação ainda mais precária.



<i>Renda média mensal do chefe de família</i>			
	"Branco"	"Preto"	"Pardo"
Homens	4,8 salár os mínimos	1,7 salários mínimos	2,5 salários mínimos
Mulheres	2,0 salár os mínimos	0,7 salários mínimos	0,8 salários mínimos
<i>Empregados com carteira de trabalho assinada</i>			
	"Branco"	"Pretos"	"Pardos"
Homens	71,8%	51,9%	57,5%
Mulheres	60,4%	34,0%	42,5%

Fonte: PNDA, 1976, FIBGE - citado por IBASE, Dados da Realidade Brasileira. Vozes, Petrópolis, 1982, p. 51-55.

Situação de escolaridade e cultura

Nesta área, a desigualdade entre brancos e negros também é acentuada. O índice de analfabetismo da população negra economicamente ativa supera em mais de duas vezes o mesmo índice referente à população branca.

<i>Média de anos de estudo das pessoas economicamente ativas</i>			
Branco	Negro	Pardo	
4,8 anos	2,1 anos	2,8 anos	
<i>Taxa de analfabetismo da população de 10 anos de idade e mais</i>			
Branco	Negro	Pardo	
15,5%	42,4%	31,5%	
<i>Percentual da população com 11 ou mais anos de estudos, isto é, que cursou colegial ou algo a mais numa escola superior:</i>			
Branco	Negro	Pardo	
9,1%	1,1%	2,7%	

Fonte: IBGE - PNDA, 1976 por IBASE, Dados da Realidade Brasileira. Vozes, Petrópolis, 1982. p. 51-55.

Dados mais recentes do censo de 1980 confirmam essa realidade, ao mostrar:

<i>"Sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo"</i>			
Branco	Negro	Pardo	
20%	41%	39%	
<i>Com 9 ou mais anos de escolaridade</i>			
Branco	Negro	Pardo	
16%	4%	6%	

Fonte: IBGE. Censo 1980. Citado em *Retratos do Brasil*. Política Editora de Livros e Jornais Ltda. Encarte n.º 10, p. 57.

Vale observar que, para além dos dados quantitativos, via de regra, o ensino oferecido às camadas pobres da população, onde o número de negros é mais elevado, é de qualidade nitidamente inferior.

Além disso, muitos livros de texto reforçam a posição de inferioridade do negro. Não raro nos livros de história do Brasil, marcadamente escritos na perspectiva do branco, o negro aparece quase exclusivamente associado à escravidão. Isso leva a confundir sua identidade com a condição de escravo a que foi historicamente submetido. Reforça-se assim no aluno a idéia de que o negro é igual a escravo e, portanto, é inferior.

Poucos textos didáticos tratam com alguma profundidade fenômenos tão significativos como o quilombismo, o sentido da resistência de Palmares ou figuras de líderes como Zumbi.

No complexo mundo cultural brasileiro as manifestações de raiz africana costumam ser reduzidas a

aspectos vistos como periféricos ou folclóricos. No universo cultural construído ideologicamente como europeu e branco, os traços negros são tidos como subcultura e expressão do exótico. Assim como também os padrões dominantes da beleza, cultura e civilidade são brancos.

Nos meios de comunicação social, particularmente a TV, de grande poder na veiculação de valores culturais e na formação da opinião pública, freqüentemente os negros aparecem em novelas, reportagens e filmes quase sempre em funções subalternas, como empregados domésticos, ou em papéis secundários, sendo sua presença com muita freqüência relacionada com atos anti-sociais.

Embora haja exceções, raras exceções, a ausência de negros nos graus mais elevados da hierarquia social é flagrante. É praticamente nula, por exemplo, a presença de negros nos primeiros escalões dos diversos níveis do governo e do poder legislativo e judiciário. O mesmo fenômeno se reproduz no topo da hierarquia militar, acadêmica e diplomática.

É importante reconhecer que a Igreja Católica não foge a esta regra: ainda que a maioria da população negra se declare católica, é muito reduzido ainda o número de religiosas, religiosos, sacerdotes e bispos de etnia negra.

Um passo a mais em direção à fraternidade

Com a Campanha da Fraternidade de 1988, a Igreja Católica quer estar presente neste momento em que, cem anos depois da abolição da escravidão, a marginalização do negro continua.

"Ouvi o clamor deste povo" (cf. Ex 3, 7). É a palavra de Deus que não pactua com qualquer tipo de opressão. Desde a história de Israel, povo de Deus, escravo no Egito, a Bíblia descreve as realidades cruéis de opressão e de angústia em que vivem

as incontáveis gerações do povo de Deus. As descrições de realidades opressoras são denúncias do que acontece em desacordo com a vontade de Deus.

A vontade de Deus é que o amor a Deus seja maior do que o amor a todas as coisas, e o amor ao próximo, seja ele da cor e raça que for, seja como o do próprio Jesus Cristo. Por causa disso Deus reage quando o seu povo é oprimido e lhe promete uma terra nova, com novas relações sociais, marcadas pela fraternidade, longe de qualquer opressor, longe de qualquer "faraó".

Em síntese, o livro do Êxodo nos faz compreender melhor a orientação que Deus nos dá: a condenação de toda e qualquer opressão e, conseqüentemente, a opção por quem quer ser filho de Deus, pelos oprimidos.

O mundo moderno é muito mais sofisticado e sutil em seus mecanismos de opressão. Diabolicamente não se enrubesce de até instituir e defender leis iníquas cujo peso mantém milhões de pessoas escravizadas em condições deploráveis de vida.

Contudo a verdadeira fé nos faz ver com mais coragem os acontecimentos e com o apoio da Palavra de Deus julgar mais exatamente os fatos. Além disso a fé conjugada à esperança nos faz buscar soluções, nos faz dar mais um passo em direção à caridade.

Com a leitura atenta do texto de Êxodo 3, 7-10, aprendemos que a libertação não é só o desvencilhar-se da escravidão mas também é a rejeição de todo tipo de dominação do outro.

Particularmente nessa Campanha da Fraternidade: a "Fraternidade e o Negro", o apelo aos homens de boa vontade e aos cristãos é que a imagem de Deus não continue a ser ofendida no povo negro, cuja maioria se encontra em situação de miséria e discriminação.

1. IBGE. *IX Recenseamento Geral do Brasil*, 1980. v. I, t. IV, n. 1. p. 34-35.
2. *Dados da Realidade Brasileira, Indicadores Sociais*. IBASE. Petrópolis, Vozes, 1983. p. 55.

ES CRAVIDÃO ONTEM E HOJE?



Em 20 de novembro passado comemorou-se o dia da "consciência negra", temática lembrada pela Campanha da Fraternidade deste ano com as palavras: "a fraternidade e o negro". A questão do negro faz parte da nossa história, ontem e hoje. Por isso tentaremos salientar dois simples aspectos que visam questionar a nossa postura humana diante dessa questão: o negro escravo na história da América Latina, e nós hoje, diante desse passado-presente.

O número de escravos na América Latina parece ter chegado aos 15 milhões. Na nossa história brasileira a escravatura foi considerada uma mancha vergonhosa que precisava ser apagada (Rui Barbosa). O negro foi sempre considerado inferior e tratado como tal. A própria Igreja Colonial que chegou a lutar muito contra a escravidão dos índios (Bartolomeu de Las Casas) dedicou aos negros apenas uma evangelização de conversão. Uma denúncia clara da situação, a exemplo do que foi feito com os índios, parece não ter havido, com uma exceção: em 1681-1682 dois capuchinhos, padre Francisco José de Jaca, trabalhando na Colômbia, e padre Epifânio de Borgonha, na Venezuela, foram expulsos destes lugares devido às denúncias que levantaram abertamente contra o tráfico de escravos. No

caminho de volta à Espanha, elaboraram um documento-denúncia a ser entregue ao rei e a Roma. Na prática nada se obteve e a posição dos dois capuchinhos foi condenada: "Sem a escravidão dos negros as Américas seriam destinadas a uma total ruína". Na denúncia feita pode-se ler: "A escravidão africana é injusta... Os negros não somente se tornaram livres ao receberem o batismo; já eram livres antes, por direito natural. Portanto, não só existe a obrigação de devolvê-los à liberdade, mas por exigência de justiça deve-se pagar-lhes o que eles perderam durante a escravidão, o trabalho e os danos sofridos..."

Depois de cem anos, o que mudou? Será que a nossa história nos revela que já terminou? Se sim, vamos encontrar uma realidade que nos desconforta. Se não, devemos perguntar por que continua assim. Estas perguntas são importantes para uma postura diante desta questão. O que nos cabe nesta Campanha da Fraternidade de 1988? Se o Reino de Deus é para todos e todos são iguais diante daquele que dizemos ser nosso Criador, por que criamos diferenças mesquinhas, atrás das quais escondem-se nossos interesses? Se evangelizar não adquirir um novo significado nada podera mudar (CIC)●

K.J.

População do terceiro mundo ameaçada pela fome e pelo estrangulamento das dívidas externas

“A o considerar o estado atual da situação alimentar no mundo, fica-se impressionado com o contraste entre a existência, em algumas áreas, de grande excesso especialmente de cereais, e o presente estado de crise noutras áreas, porque às pessoas falta o alimento suficiente, a ponto de existir um perigo real de morte devido à nanição. Para responder a esta situação trágica, há a urgente e inadiável necessidade de solidariedade internacional. Há um dever, agora e no futuro, de tornar os recursos disponíveis àqueles cuja vida e saúde estão muito ameaçadas. Isto é particularmente verdadeiro enquanto a produção mundial de alimentos não exceder as necessidades da presente população mundial. Com efeito, é objetivamente imprevisível que no futuro o alimento suficiente possa ser produzido de igual modo para uma população mundial em aumento. A inteira comunidade internacional é chamada a dedicar-se à questão dos desequilíbrios no comércio internacional. Sobre tudo uma mentalidade nova é requerida, orientada para obter uma forma autêntica de justiça nas relações internacionais, nas quais os interesses dos menos poderosos sejam proporcionalmente mais bem defendidos e a excessiva proteção dos interesses particulares seja substituída por sincera busca do verdadeiro bem comum da família humana como um todo.

Torna-se agora evidente, mais do que nunca, que problemas na área de alimentação e agricultura devem ser abordados no contexto da inteira situação econômica mundial.



Políticas concretas são enormemente afetadas pelas forças e fraquezas, pelas oscilações e crises da economia mundial. Somente neste contexto é possível formular e incrementar viáveis processos de crescimento econômico, monetário, social e político em cada um dos países e internacionalmente.

Instância particularmente impressionante deste fato são as dificuldades experimentadas por países onerados por enormes dívidas externas. Mesmo quando outras condições são favoráveis ao crescimento real, esses países vêem o seu progresso detido pela imensidão das suas dívidas, com o conseqüente dreno de recursos por causa do serviço da dívida.

A seriedade dos desafios que o fenômeno do endividamento internacional apresenta à comunidade mundial recentemente induziu a Santa Sé a publicar um documento, “Iustitia

et Pax”, a respeito dos aspectos éticos da questão da dívida internacional. A Igreja está convicta de que as relações econômicas não podem estar divorciadas das questões morais e éticas, pois a pessoa humana é o verdadeiro coração de toda a atividade e empenho humano. Com efeito, como é sublinhado na apresentação daquele documento, “as estruturas econômicas e os mecanismos financeiros estão a serviço do homem e não o contrário”. Ele expressa a esperança de que “as relações de intercâmbio e os mecanismos financeiros que as acompanham possam ser reformados, antes que as estreitezas de vista e os egoísmos privados ou coletivos degenerem em conflitos irremediáveis” (*Ao serviço da comunidade humana: uma consideração ética da dívida internacional*. Apresentação. A Santa Sé, de fato, tem esperança de que, como resultado de um crescente sentido de responsabilidade e de solidariedade entre as nações do mundo, maiores esforços serão feitos para estabelecer relações internacionais e assistência internacional segundo os princípios da justiça autêntica e do respeito mútuo. (...)

Que toda a comunidade internacional se torne cada vez mais sensível às necessidades dos pobres e dos famintos do mundo, e que ela compreenda que uma ação concorde por parte de todos já não pode ser protelada.”

(Aos Delegados da Assembléia Geral da FAO em 13 de novembro no Vaticano.)

A bem-aventurança da maternidade de Maria

José C. R. García Paredes

A maternidade de Maria amplia o sentido de fraternidade e maternidade de maneira nova e distinta que surge da fé na palavra de Deus.

A encíclica Redemptoris Mater de João Paulo II reflete sobre esse sentido e retoma o ensinamento de Jesus: “Mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a guardam!” (Lc 11, 27)



Maternidade na dimensão do Reino de Deus

“Aconteceu que, estando Jesus a dizer estas coisas, uma mulher levantou sua voz no meio da multidão e disse: ‘Feliz o seio que o carregou e alimentou!’ Mas ele respondeu: ‘Mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a guardam!’” (Lucas 11, 27).

É sob esta passagem que a encíclica *Redemptoris Mater* nos apresenta a maternidade de Maria (RM, 20). Uma mulher do povo ficou muito entusiasmada com o que Jesus acabara de dizer. Jesus, a pedido de um discípulo, falara da oração do Pai: como deveriam dirigir-se com total confiança a Deus porque, “se os maus sabem dar coisas boas a seus filhos, certamente o Pai do céu dará o Espírito Santo aos que lhe pedirem!” (Lucas 11, 13). Aqueles —

seus inimigos — que o tomam por um aliado do príncipe dos demônios, ou que lhe pedem um sinal para pô-lo à prova, Jesus diz: “Se, pela mão de Deus, eu expulso os demônios, é porque chegou até vocês o Reino de Deus... Aquele que não está comigo, está contra mim e aquele que não se junta a mim se desvia” (Lucas 11, 20-23). A mulher do povo coloca-se incondicionalmente ao lado de Jesus. Manifesta publicamente seu entusiasmo. Como mulher, e talvez como mãe, pensa naquela que é a mãe de Jesus. E a abençoa em voz alta. Quando Jesus começou sua atividade messiânica, Maria não o acompanhava, nem o seguia, permanecendo em Nazaré. Dir-se-ia então que as palavras daquela mulher desconhecida fizeram com que Maria saísse de seu esconderijo. Através daquelas palavras, passou rapidamente pela mente da multidão, pelo menos por um instante, o

A maternidade modificou Maria profundamente. A maternidade converteu-se para sempre na “mãe de Jesus”. Maria levou-o sempre no coração e dele nunca se ausentou. Carregou-o em seu seio; alimentou-o com seu peito; estreitou-o amorosamente entre seus braços; beijou-o incontáveis vezes; sentiu-se prolongadamente dele, delineada nos traços de seu rosto, no âmago de sua alma. A maternidade habilitou-a a compreender melhor, para colocar-se mais incondicionalmente ao seu lado, para apoiá-lo em tudo, pois acima de tudo era seu “filho único”. Ser mãe pertence à identidade mais profunda de Maria, à sua mais íntima verdade. “Mãe do Deus Filho e, portanto, filha predileta do Pai e sacrário do Espírito Santo; com um dom de graça tão exímio, antecede em muito todas as criaturas celestiais e terrenas” (LC, 53; RM, 9).

Evangelho da infância de Jesus. É o Evangelho no qual Maria está presente como a mãe que concebe Jesus em seu seio, lhe dá à luz e o amamenta maternalmente: a mãe a que se refere aquela mulher do povo. Graças a essa maternidade, Jesus, o filho do Altíssimo, é verdadeiro filho do homem. É carne e sangue de Maria” (RM, 20).

A esse elogio da mulher, Jesus responde: “Mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a guardam”. Jesus chama a atenção de seus ouvintes para aquele misterioso vínculo espiritual que se estabelece entre ele e aqueles que ouvem a palavra, tornando-a uma realidade em suas vidas. Jesus dedica-se completamente à causa do Reino de Deus. Esse Reino deve ser suplicado, pedido em oração. Esse Reino se faz presente através de sua práxis messiânica, de seu poder que expulsa demônios. Esse Reino se atualiza quando a palavra de Jesus é ouvida e posta em prática. Jesus vive nessa “nova dimensão”. E aí já não têm vigor a fraternidade ou a maternidade segundo a carne, mas a fraternidade e a maternidade na dimensão do Reino de Deus. “Aquele que não nascer do alto não poderá ver o Reino de Deus” (João 3, 3). A palavra de Deus viva e permanente é um germe incorruptível que possibilita o nascer de novo (I Pedro 1, 23). No Reino somente tem vigor a paternidade única e exclusiva de Deus (Mateus 23, 9). A maternidade de Maria valorizada por Jesus não é tanto a maternidade física, mas uma *maternidade nova e distinta*, a maternidade que surge da fé na palavra.

Esta nova maternidade é concernente, de modo especialíssimo, a Maria. Ela foi a primeira que ouviu e tornou realidade em si mesma a palavra convocadora do Pai. Foi obediente a Deus, porque guardou



a palavra e a conservou e meditou cuidadosamente em seu coração (Lucas 2, 19.51). Maria descobriu por meio da fé essa *nova dimensão* de sua maternidade. Maria viveu por si só essa dimensão desde o princípio, porque desde então é a “fiel a Deus”. Mas ela foi, progressivamente, abrindo-se cada vez mais à novidade dessa maternidade. “Maria-mãe convertia-se assim, em certo sentido, na primeira ‘discípula’ de seu filho, a primeira a quem ele parecia dizer: ‘Siga-me!’, antes mesmo de dirigir esse chamado aos apóstolos ou a qualquer outra pessoa” (RM, 20).

Deus Pai não chamou Maria para “simplesmente exercer as sublimes funções de mãe de Jesus segundo a carne, mas para ser aquela mulher que, representando o povo de Israel e toda a humanidade, *acolhesse* o grande dom de Deus, a misteriosa autocomunicação de Deus ao mundo na pessoa de Jesus; e para que, mediante esta acolhida, criasse em torno de Jesus um ambiente educativo, de amadurecimento humano, de profundas experiências religiosas. E assim foi feito. Maria manteve uma relação de

acolhida e de amor com aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo. Maria estava inserida na tradição de fé e de esperança do povo e realizou sua maternidade a partir desses conteúdos tradicionais. Nela, Israel aceitou amorosamente e com fé inquebrantável o dom de Deus e esperou sua manifestação. Maria realizou sua maternidade com espírito de fé; assistiu com fé ao acontecimento inicial da autocomunicação de Deus ao homem. Maria concebeu a Cristo num ato teológico de fé, por meio de sua fé, conforme diz o famoso texto de Santo Agostinho: ‘Maria concebeu em seu espírito antes de conceber em seu seio!’ Maria foi chamada a apresentar, através de sua maternidade física, a acolhida dos homens de boa vontade àquele que seria chamado filho de Deus, cujo Reino não teria fim, que receberá o nome de Emanuel” (José C.R.G. Paredes. *Maria, a mulher do Reino de Deus*. São Paulo, AM edições, 1985).

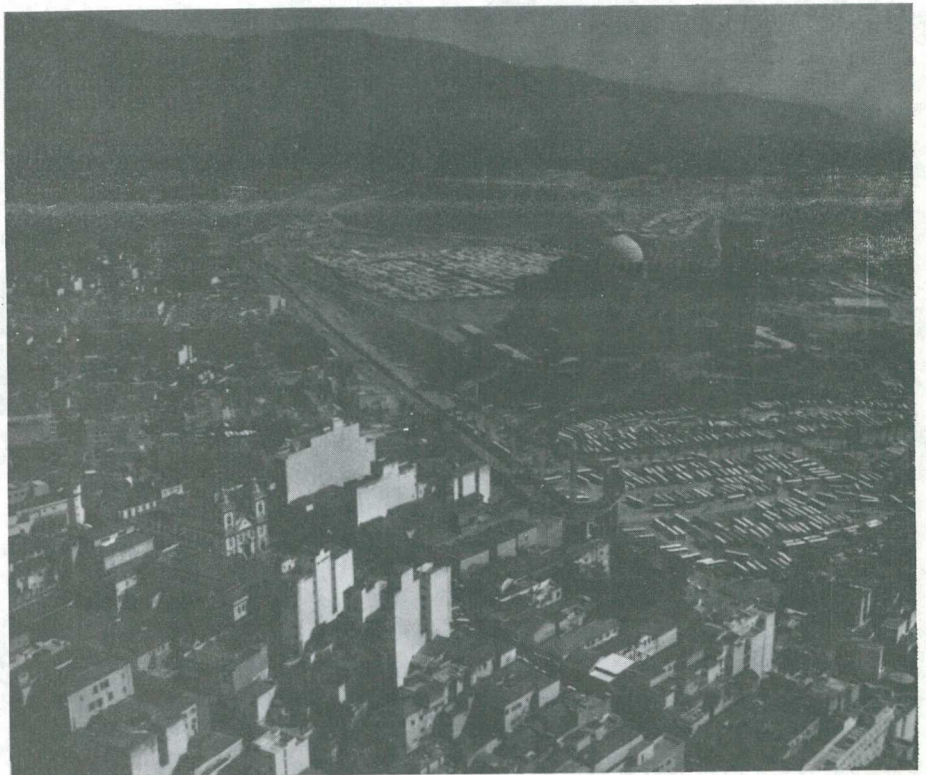
Com as palavras “mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a guardam”, Jesus está dirigindo um novo chamado à sua mãe. Está pedindo que se deixe surpreender pela novidade da mensagem do Reino, está convocando-a a inaugurar uma “nova práxis”, a exercer novas funções, que, sem estar em contradição com as que exerceu até o momento, correspondam ao projeto histórico de Deus Pai, que “torna novas todas as coisas”. Maria ouviu esse chamado. Não teve de renunciar à sua vocação à maternidade; mas teve de dar-lhe novas configurações. É assim como a comunidade do discípulo amado nos apresenta a “mãe de Jesus” em seu Evangelho. ●

(José C. R. García Paredes é sacerdote claretiano, professor de teologia e diretor da revista Vida Religiosa, em Madri.)

APARECIDA

A história desta cidade se confunde com a história da Santa padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Tem seu início pelos idos de 1717, quando chegou a notícia de que D. Pedro de Almeida, governador de Minas e São Paulo, iria passar pela pequena vila de Guaratinguetá. Entre outras providências, era necessário que os pescadores da região trouxessem do Rio Paraíba tanto pescado quanto lhes caísse na rede, a fim de prover o banquete, fornecer alimento ao povo reunido e exibir ao ilustre visitante os recursos do pequeno lugarejo.

Mesmo não sendo uma boa época para a pesca, Domingos Garcia, João Alves e Felipe Pedroso colocaram sua canoa no rio, pois era preciso obedecer às ordens. Depois de inúmeras tentativas sem sucesso, pararam desanimados e abatidos no Porto de Itaguaçu. João Alves lançou então mais uma vez



Vista aérea parcial de Aparecida-SP

suas redes nas águas. Desta vez, porém, sentiu algo pesado, quando puxou as primeiras malhas. Era uma imagem sem cabeça, com anjos esculpidos ao redor dos pés. Espantado, João começou a pescar e o que veio à tona foi a cabeça da imagem que se ajustava perfeitamente à outra parte já descoberta.

Daí em diante os peixes chegaram em abundância para os três pescadores, que assim retornaram com sua canoa cheia de surpresas.

Durante os 15 anos seguintes, a imagem foi protegida por Felipe

e família, que a levou para casa. Seu filho, Atanásio Pedroso, construiu um oratório para a Santa, que com o passar dos anos tornou-se pequeno devido ao número de devotos que por ali apareciam. Por volta de 1734, o vigário de Guaratinguetá solicitou ao bispo do Rio de Janeiro permissão para construir uma capela no Morro dos Coqueiros, que foi aberta à visitação pública em 26 de junho de 1745. Mas o número de fiéis aumentava e em sua viagem ao Brasil o cientista August Saint Hilaire desenhou uma

igreja cuja construção foi iniciada em 1844. Terminada em 1888 pelo cônego Joaquim Morde Carmelo, teve sua primeira missa celebrada pelo bispo de São Paulo. A imagem foi coroada no dia 8 de setembro de 1904 por dom José Camargo de Barros. O santuário foi elevado a Basílica Menor em 29 de abril de 1908. Aparecida tornou-se Município, separando-se de Guaratinguetá em 17 de dezembro de 1928 e, no ano seguinte, Nossa Senhora foi proclamada Rainha do Brasil, sendo logo depois sua Padroeira Oficial por determinação do papa Pio IX.

Aparecida está situada em região de clima ameno e seco, numa área de 112 km², e sua altitude média é de 540 m. É uma cidade Santuário habitada por cerca de 35.000 pessoas (3.000 na área rural) e com fluxo de peregrinos que a visitam calculado aproximadamente em 12 milhões por ano. Essa pequena cidade, localizada entre as duas maiores metrópoles brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo, apresenta o mais intenso tráfego de veículos em todo o Brasil e durante o ano inteiro recebe peregrinos que chegam de todas as partes do país e do mundo.

As principais fontes de renda de Aparecida são: hotelaria, turismo, comércio de imagens religiosas, indústria de papel e celulose, de artigos religiosos e transformação.

Dista da capital de São Paulo 166 Km. Principais rodovias de acesso: Dutra, D. Pedro I, Trabalhadores, Bandeirantes e Anhanguera. Tem como cidades vizinhas: Guaratinguetá, Roseira e Lorena. Empresas de ônibus que servem a cidade saindo da Capital: Pássaro Marrom, Cometa, Sampaio, Santa Maria e Itapemirim.

Possui 110 hotéis, restaurantes, 3 jornais, 2 emissoras de rádio, 1 clube sócio-esportivo, 2 clubes de serviços, 1 biblioteca municipal, entidades de classes, agências bancárias, 1 coletoria estadual, 1

creche convencional, 6 creches domiciliares, 1 centro comunitário em fase de acabamento, 1 cozinha-piloto, junta de alistamento militar, sede do Ministério do Trabalho (carteira profissional), posto telefônico, cinema, agência da Eletropaulo, 4 pontos de táxi, 8 postos de gasolina, velório municipal, 3 sociedades amigos de bairro, pronto socorro municipal, Santa Casa de Misericórdia, posto de saúde, agência do INPS, 12 farmácias, 3 postos médicos, ação de saúde e descentralização do atendimento do menor em bairros periféricos, 2 escolas estaduais, 1 escola municipal, 1 escola do SESI, 29 classes de pré-escola municipais, 2 seminários de formação religiosa, posto cultural da Fundação Educar, organização do trabalho do engraxate, 1 editora.

Principais atividades agrícolas: arroz, cana para forragem e milho.

Principais rebanhos: bovinos, suínos, eqüinos e galináceos.

Produção animal: leite e ovos.

O ponto de encontro da cidade mariana é a basílica nova. Com planta elaborada pelo arquiteto Benedito Calixto de Jesus Neto, aprovada pela Santa Sé, teve suas obras iniciadas no ano de 1946. Concluída por D. Carlos Carmelo Vasconcelos Mota, 1.º arcebispo de Aparecida, teve um quinto de seu total entregue ao povo em 1967, com uma Rosa de Ouro mandada pelo papa Paulo VI, para ornamentar o Santuário. A planta da Nova Basílica reúne um conjunto arquitetônico em forma de cruz entrecortada por uma cruz de Santo André. O comprimento total é de 173,40 m e a largura de 168 m. A altura das naves é de 42 m, a cúpula tem 72 metros e a torre 100 metros. A área total coberta mede 18.000 m², com lotação até 32.000 pessoas. Para a estrutura foram gastos aproximadamente 35.000 m² de concreto. Foram utilizados na alvenaria 15 milhões de tijolos. É a segunda maior igreja do mundo, vindo logo após a de

São Pedro em Roma. A imagem milagrosa de Nossa Senhora está num nicho de mármore e ouro, dominando a altar-mor. Na nave central encontra-se uma cruz com o Senhor crucificado em tamanho maior que o natural.

Outros pontos de atração turística: passarela da fé, sala dos milagres, museu do Seminário Afonso, museu de Nossa Senhora Aparecida, museu dos ciclos sócio-econômicos do Vale do Paraíba, basílica velha, morro do cruzeiro, Rio Paraíba do Sul, Porto de Itaguaçu, teleférico.

(Dados fornecidos pelo Departamento de Turismo de Aparecida-SP)

Nota:

Prezado leitor, se a sua cidade, de alguma forma, tem o nome relacionado com o nome de Nossa Senhora, mande dados, fotos e informações da mesma para a revista Ave Maria e serão publicados.

JOVEM, DEFENDA MINHA DIGNIDADE E MEU VALOR!!!

Acreditamos no direito que a mulher tem de ser e viver como pessoa, imagem de Deus.

Nós temos este Ideal:

— Seguir Cristo Redentor e atender ao clamor das jovens e mulheres marginalizadas.

VOCÊ QUER SE JUNTAR A NÓS?

IRMÃS OBLATAS DO SANTÍSSIMO REDENTOR

**Escreva para o Centro Vocacional:
Rua Acuruí, nº 552
Vila Formosa
03355 - São Paulo (SP)
Tel.: 295-9069**

OS PRIMEIROS TEXTOS ESCRITOS

O testemunho cristão, a libertação em Cristo

Continuamos nossa reflexão sobre a catequese Apostólica. Após a leitura dos textos dos *Atos dos Apóstolos*, podemos perceber que nesses três discursos de Pedro existe uma profunda catequese. O primeiro deles, logo após o Pentecostes (At 2, 14-36), concentra-se na morte de Jesus, sua ressurreição e subida aos céus e o envio do Espírito Santo; Pedro ainda acrescenta que tais acontecimentos realizam as Escrituras. O segundo discurso (At 3, 12-26) é semelhante ao primeiro, mas acrescenta o tema da fé salvadora, fala da segunda vinda do Senhor e o tempo entre as duas vindas é caracterizado como “tempo de arrependimento-penitência-conversão”.

Do ponto de vista catequético, o discurso de Pedro mais importante é o terceiro, quando ele se dirige ao centurião Cornélio (At 10, 34-43), onde Pedro faz um resumo da história evangélica.

Os primeiros textos de catequese

Certamente até o ano 43 a catequese apostólica foi puramente oral. Com o passar do tempo foi havendo uma seleção do material usado no anúncio da Boa Nova. A expansão do Cristianismo e a morte daqueles que haviam conhecido o Senhor levaram os cristãos a colocar por escrito uma parte da catequese.

Por volta do ano 50, o apóstolo



Mateus reúne elementos escritos e orais juntamente com recordações pessoais na forma do Evangelho. Ele ordenou as palavras de Jesus e os fatos de sua vida, seguindo mais ou menos o esquema do discurso de Pedro a Cornélio. A intenção desta obra catequética seria a mesma da catequese de Pedro, ou seja, demonstrar que em Jesus, conforme o plano salvífico de Deus, se cumpriram as promessas do Antigo Testamento.

Para aprofundamento, leia: Mateus 1, 22-23; 2, 5-6; 2, 15; 4, 13-16; 8, 16-17.

Enquanto se formava o Evangelho de Mateus, foi elaborado um outro texto catequético importante, a Carta de Tiago, que certamente, mais do que uma carta, é uma homilia pronunciada por Tiago, bispo de Jerusalém, durante uma celebra-

ção eucarística. Leiam esta carta e procurem perceber como ela é uma mensagem e uma exortação ou pedido, para que os cristãos fossem fiéis à sua fé em Jesus Cristo, e assim procurassem amar e ajudar os pobres como o próprio Jesus o fez.

Podemos, assim, perceber que esta catequese de Tiago procura mostrar aos cristãos que não basta dizer que cremos em Jesus Cristo se não fazemos ou ao menos nos esforçamos em fazer o que ele fez.

Já no ano 64 a 67, encontramos a primeira carta de Pedro. Em grupo ou individualmente, procure ler esta carta para perceber qual é a idéia fundamental apresentada por Pedro e no próximo número confira para ver se você conseguiu entender a mensagem de Pedro. Procure também descobrir no hino de ação de graças pela libertação em Cristo, prefigurada no Êxodo, no início da carta, a que sacramento Pedro faz a aplicação deste tema do Êxodo.

Enquanto em Roma era publicada esta carta de Pedro, ou seja, a primeira, também Marcos redigia um novo Evangelho escrito especialmente para a sua comunidade. Marcos, em seu Evangelho, quer demonstrar que Jesus é ao mesmo tempo MESSIAS-SALVADOR e o FILHO DE DEUS, que vai ao encontro do insucesso, mas que triunfa na RESSURREIÇÃO. Leia Marcos 8, 31-32. ●

Pe. Eugênio Pessato, cmf

UDR pressiona e liquida com os acampamentos dos sem-terra no Mato Grosso do Sul

Luiz Carlos Batista



Mais de 800 famílias encontram-se alojadas numa área com pouco mais de 5.000 hectares. Estas famílias estavam acampadas em várias cidades de Mato Grosso do Sul aguardando o assentamento.

Pelas manifestações dos grupos que entrevistamos, sentimos o desespero que toma conta dessa gente. Enquanto o governo do Estado, através da Secretaria de Assuntos Fundiários, diz ser este um projeto de assentamento modelo, que contará futuramente com uma Escola Agrícola, os trabalhadores sentem-se desprezados, doentes e desanimados, pois ainda consideram-se acampados e em condições piores do que enquanto estiveram acampados nas cidades; pelo menos lá eles podiam arranjar algum trabalho.

Pressionado pelos prefeitos e pela UDR, o INCRA e o governo do Mato Grosso do Sul retiraram todos os trabalhadores acampados nas cidades e estão proibindo novos

acampamentos. Como um assentamento emergencial, vários grupos de trabalhadores sem terra acampados em todo o Estado foram jogados na fazenda Santo Inácio, desapropriada da Rede Ferroviária Federal, que entretanto continua explorando toda a madeira da fazenda, deixando as famílias sem madeira inclusive para fazer seus barracos, pois o processo de desapropriação e escrituração da área ainda está em tramitação.

Por outro lado, enquanto o módulo rural estipula lotes de 25 hectares por família, e assim garantiu o INCRA a estes trabalhadores, o TERRASUL, órgão de planejamento ligado à Secretaria de Assuntos Fundiários do Estado, que administra o assentamento, garante apenas 15 hectares por família. Alega que o INCRA não prepara a terra e o TERRASUL está desmatando e calcareando para o plantio, entregando a terra preparada. Porém, há 40 dias que os trabalhadores estão desocupados porque faltam máquinas para

atender todas as necessidades, e enquanto a terra não for toda preparada, eles estão proibidos de plantar sua rocinha. Recebem apenas Cz\$ 1.900,00 por família, o que impossibilita a sobrevivência de famílias que atingem até 12 filhos. Estão passando fome, com anemia, sem assistência médica adequada e sem alternativas.

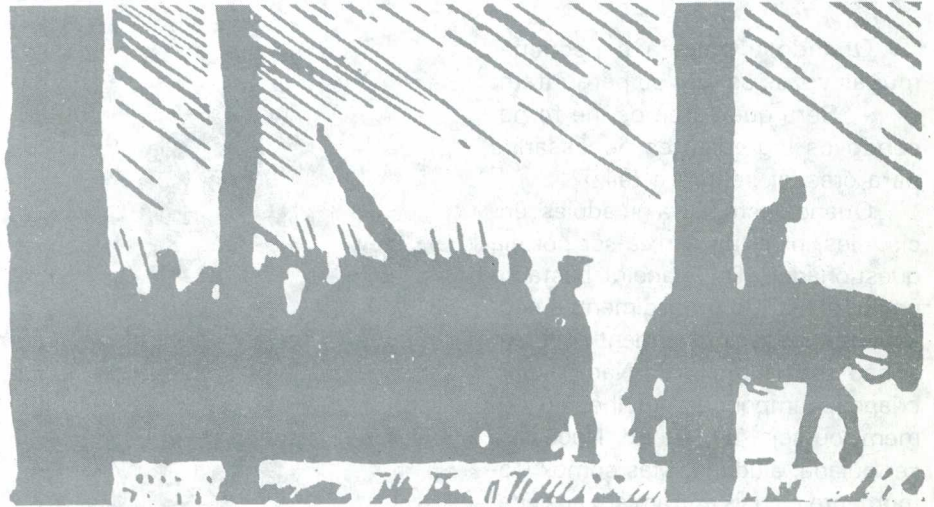
Inicialmente, o trabalho será comunitário, sem divisão de lotes, correspondendo a cada família o equivalente à produção de 5 hectares, mas já está na época do plantio e ainda não prepararam o suficiente. O grupo de Eldorado, composto por brasiguaios com 248 famílias, tem apenas 60 hectares destocados e encontram-se proibidos de trabalhar fora, porque pode começar o plantio a qualquer momento e eles têm que trabalhar em conjunto, não podendo assumir compromissos com fazendeiros da região para trabalhar como bóias-frias.

Segundo o TERRASUL, há grupos mais obedientes que outros. O grupo de Paranhos, por exemplo, que é um dos mais obedientes, conseguiu as melhores terras, e estão isolados; são em geral trabalhadores que eram empregados em fazendas na fronteira com o Paraguai e não estavam acampados. Os grupos de Eldorado e Sete Quedas, constituído por brasiguaios, são considerados mais desobedientes e por isso estão sendo mais castigados. Isto distingue os que são pelegos e os que estão organizados e resistindo às atitudes demagógicas do governo da "Nova República".

(Luiz Carlos Batista é professor de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Centro Universitário de Aquidauana.)

Ameaças, perseguição, morte. É o que enfrenta todo cristão comprometido na luta pela justiça e libertação dos oprimidos. Testemunho vivo disso nos dão os mártires do relato seguinte.

MÁRTIRES DE COCORNÁ



17 de setembro de 1982, sexta-feira. Às 6h30 da tarde, depois de um tempo de recreação, reuniu-se um grupo de catequistas camponeses da estrada de Santa Rita (paróquia da estação Cocorná, município de Puerto Nare, Antioquia, Colômbia) para realizar um estudo sobre seus trabalhos e sua projeção ao povo de forma mais coerente e evangélica.

Um tempo depois chegaram alguns indivíduos armados e os convidam a sair e falar com eles, um pouco longe da casa. Instantes depois de terem saído juntos (catequistas e desconhecidos), ouve-se um tiroteio. Os assassinos desaparecem.

A mãe sai para ver o que acontece e encontra seus filhos e familiares mortos. Informam às autoridades o ocorrido, mas estas se negam a prestar qualquer atenção ao assunto. O inspetor de polícia do lugar não informa nem a Medellín, nem a Puerto Berrio. Os cadáveres são trazidos sábado pela manhã à estação de Cocorná rodeados por uma multidão de companheiros, vindos de toda a redondeza, dando mostra impressionante de solidariedade e repúdio aos fatos.

Os camponeses mortos nesse execrável crime foram cinco: pertenciam a grupos que se vinham organizando desde há cinco anos na zona rural, através de um trabalho de promoção e organização campesina, de motivação e orientação cristã, impulsionado pela paróquia de Cocor-

ná. Seu trabalho se desenvolvia nas áreas de educação, saúde, formação religiosa, recreação, cultura e cooperativismo. Este trabalho corresponde às necessidades da região, pois esta se encontra muito abandonada. Os pobres de toda a região sofrem desnutrição e falta de todo tipo de serviços públicos; daí nasce a inquietude de conscientizar o povo sobre a desumana situação em que vive.

A má-fé impõe sua lei. Desde o início deste trabalho pastoral, os latifundiários da região e a polícia começam a sentir-se incomodados, levantam a calúnia e a intriga: "estão formando guerrilheiros", "irão invadir nossas terras" etc. Começam as detenções, as ameaças, as patrulhas do exército. Por último decidem "acabar com esta coisa que haviam visto na região e para acabar com este estorvo deve-se matar os camponeses asquerosos e atrevidos".

A mãe de dois jovens (Alírio e Carlos Augusto Buitrago) expressa seu testemunho à comunidade eclesial e à nação com as seguintes palavras: "Este é um caso muito doloroso para nós. Mas meus filhos

não morreram, eles continuam vivos no coração do povo e seu sangue dá vitalidade à comunidade; eles cumpriram a vontade de Deus; todo aquele que dá a vida a serviço dos demais, levando uma vida cristã como eram meus filhinhos e meus companheiros e meu irmãozinho, está fazendo a vontade de Deus.

Saudações a todos os meus companheiros e companheiras que recebem toda a ressurreição de meus filhos e que nos acompanham nesta tristeza tão dolorosa.

Recebam minhas saudações com centenas de lágrimas".

Porém não são estes os únicos que morreram em Cocorná. Foram muitos. Em Cocorná, na Colômbia, e em toda a América Latina continuarão morrendo muitos cristãos comprometidos. Que este exemplo de valor e entrega pelo Evangelho, dado por Alírio, Carlos Arturo, Fabián, Gildardo e Marcos chegue até você, jovem, e oriente sua vida para os interesses dos pobres, que são os interesses do REINO DE DEUS.

Traduziu: Mauro Zequin Custódio, cmf

Como conviver com o adolescente

Quando a criança é pequena, muitas vezes os pais se perguntam:

— Será que estamos lhe fornecendo os ingredientes necessários para crescer segura e feliz?

Quando esta entra na adolescência, eles, pais, passam a ser por ela questionados. De maneira bastante embaraçosa. Os procedimentos educativos usados anteriormente passam a não mais funcionar. Não é mais criança, tampouco é mulher ou homem, ou seja, um adulto. Necessita ser guiada, ajudada. Mas como? Comumente os pais entram em ansiedade, principalmente se as características observadas no adolescente não são aquelas pelas quais batalham.

— O que o tornou tão indisciplinado? O que o faz tão tímido? Tão temperamental? Tão mal-humorado? Tão desordeiro?

Os comportamentos ambivalentes do jovem os desconcertam mais ainda. Ora insiste para escolher seus próprios programas, para sair com os amigos no carro do pai. Muito auto-suficiente. Muito independente. Ora briga com o irmão menor por causa de um brinquedo. Faz birra e chora como um bebê. Reclama que ninguém lhe dá atenção.

— Como colocar limites? Como exercer a autoridade com sabedoria?

— Os pais têm que ser consistentes e coerentes. Têm que ser firmes e afetivos. O adolescente precisa da firmeza dos pais para que se torne ele próprio firme, seguro. Ao mesmo tempo que procuram compreender os sentimentos do jovem, os pais têm que compreender seus próprios sentimentos. É importante que não haja discrepância entre o que sentem e o que falam ou fazem. Por exemplo, ao mostrar-se frustrado quando o adolescente traz



um boletim, mas não brilhante, classificar:

— Meu filho, você fez o melhor que pôde. Está de parabéns. Meu desapontamento é porque sou muito perfeccionista. Não ligue para isto não. Eu é que tenho de me corrigir.

Para melhor compreender o adolescente os pais deveriam se lembrar de seus próprios sentimentos quando foram jovens. Dos sentimentos por vezes hostis em relação aos pais. Dos sentimentos de ambivalência em relação a seu corpo — não aceitação das transformações observadas e ao mesmo tempo certo orgulho, certa vaidade por se perceber rapaz ou moça. Dos sentimentos em relação ao seu oposto. Isto os ajudaria a entender o jovem e a ajudar a crescer.

• Dêem ao adolescente amor na

medida adequada. Deixem-no viver suas descobertas, suas experiências. Valorizem-no em suas conquistas em direção à auto-independência. Façam-no sentir-se aceito e compreendido. Ensinem-lhe que não precisa mostrar, a todo momento, que não é mais criança — suas ações é que mostrarão o grau de sua maturidade.

Compreendam que sua identificação com as pessoas de sua idade e sexo não é falta de caráter. Isto é típico desta fase de crescimento. O jovem gosta de falar, de se vestir, de se comportar, como os de seu grupo. Ao mesmo tempo que anseia por ser ele mesmo, quer ser como os outros.

E como fazer para que o jovem se eduque para a responsabilidade e a independência?

— Não é simplesmente impondo tarefas domésticas ou escolares. Com suas atitudes, os pais são o modelo na transmissão dos valores. É importante ouvir atentamente o filho, dar-lhe atenção. Transmitir-lhe o sentimento do valor pessoal. Evitar críticas destrutivas — que firam a personalidade e a dignidade do adolescente. Determinar que espécie de responsabilidade é compatível com sua maturidade. Deixar um espaço para ele opinar, decidir. O jovem não deve simplesmente ser o depositário de ordens. Deve participar. Deve ser responsabilizado pelas conseqüências de seus atos. Deve assumir a responsabilidade pela sua própria vida. A fim de que encontre o seu sentido de vida. A fim de que se individualize. Torne-se uma pessoa segura, independente, responsável e sobretudo feliz. •

Myrian Valias de Oliveira Lima

JANTAR SIMPLES

ENTRADA: Sopa portuguesa

Rendimento: 5 a 6 porções

Ingredientes:

2 tabletes de caldo de galinha com tomate
1/2 litro de água fervente
1 ramo de coentro fresco
1 folha de louro
1 cebola em rodelas
1 dente de alho picado
5 ou 6 ovos
1 pimenta vermelha picada
salsa picadinha
2 colheres (sopa) de azeite
1 colher (sopa) de suco de limão
2 paõzinhos cortados em fatias bem finas

1. Derreta os tabletes do caldo de galinha com tomate no 1/2 litro de água fervente.
2. Misture o caldo de galinha com o coentro, o louro, a cebola, o alho e deixe ferver por 20 minutos em fogo baixo.
3. Coe e torne a colocar o caldo na panela, conservando o fogo baixo.
4. Quebre os ovos numa frigideira com água e deixe em fogo baixo para que não endureçam.
5. Misture bem a pimenta com a salsa, o azeite e o suco de limão.
6. Sirva a sopa, colocando em cada prato algumas fatias de pão, um ovo pochê e um pouco do molho de pimenta.
7. Despeje o caldo de galinha com tomate fervente ao redor do ovo e sirva a seguir.

PRATO PRINCIPAL: Espetinhos

Rendimento: 5 porções

Ingredientes:

300 g de carne
200 g de lingüiça
sal, alho socado, louro, pimenta-do-reino, vinagre, pimentão, cebola, óleo

1. Prepare uma vinha-d'alhos com o vinagre, sal, pimenta, alho e louro.
2. Corte a carne em quadradinhos e deixe na vinha-d'alhos por duas ou três horas.
3. Corte a lingüiça em rodelas.
4. Corte o pimentão e a cebola em quadrados
5. Espete num palito, alternadamente, carne, lingüiça, pimentão, cebola, sendo três pedaços de carne e dois de lingüiça.
6. Frite os espetinhos no óleo quente.

ACOMPANHAMENTO: Farofa

Rendimento: 5 porções

Ingredientes:

1 colher (sopa) margarina
1 ovo cru
1 ovo cozido
farinha de mandioca
pimentas, salsa, cebolinha picada, sal

1. Ponha a margarina numa frigideira.
2. Quando estiver quente, quebre um ovo e junte o ovo cozido e picado.
3. Vá pondo a farinha de mandioca e mexendo.
4. Juntamente com a farinha, ponha as pimentas, salsa, cebolinha e o sal.

SOBREMESA: Pudim de queijo ou frutas

Ingredientes:

6 ovos
500 g de açúcar
1 1/2 xícara (chá) de leite
1 colher (sopa) de margarina
1 xícara (chá) de farinha de trigo
1 xícara (chá) de queijo minas ralado

1. Bata os ovos ligeiramente, junte o açúcar e bata muito bem.
2. Acrescente a margarina, o leite e a farinha de trigo, batidos em conjunto ao liquidificador.
3. Por último, ponha o queijo ralado.
4. Despeje numa fôrma untada com margarina e leve ao forno, em banho-maria.

(Fontes de consulta: 6 capítulos de Garfo e Colher. Cozinha rápida.)

Demissão ou não do trabalhador alcoólatra

Há poucos dias tive ocasião de ler o 28.º número da publicação *Informativo Ergo*, distribuído em Belo Horizonte. Na última página foram colocadas 5 perguntas interessantíssimas sobre a demissão ou não do funcionário alcoólatra. As perguntas foram muito bem respondidas por minha amiga, Beatriz Herkenhoff, uma assistente social que está fazendo um trabalho formidável na Cia. Vale do Rio Doce. Gostaria de aproveitar as mesmas perguntas para fazer umas colocações adicionais sobre o assunto.

1. Se o índice de recuperação de alcoólatras numa empresa for de 30%, e se todo alcoólatra que fosse tratado e voltasse a beber fosse demitido, não se estaria condenando à demissão 70% dos alcoólatras?

A resposta é "Sim". Mas a pergunta parece ter sido feita por quem costuma ver um copo meio vazio quando, na realidade, ele está meio cheio. Um índice de demissão de 70% parece alto até que se compare com o atual índice de demissão dos alcoólatras da empresa, que certamente é quase 100%.

O importante é entender que, se não forem logo demitidos os 70% que voltam a beber após um tratamento apropriado (ou seja, em clínica especializada ao invés de clínica psiquiátrica), eles irão criar cada vez mais problemas e perigos no local de trabalho (o alcoolismo é progressivo) e, no fim, vão acabar sendo demitidos de qualquer forma, se não morrerem antes (o que mais mata alcoólatras são os acidentes, inclu-

sive de trabalho).

Aqui cabe uma pergunta legítima. Se, após um tratamento (pago pela empresa), se descobre que o alcoólatra voltou a beber (fora do serviço) mas ainda não voltou a criar problemas no emprego, demite-se logo ou espera-se que seu beber afete seu trabalho? Sem discutir os prós e contras por falta de espaço, posso adiantar que a maioria das empresas recomenda esperar, mas eu acho que deve ser demitido imediatamente, sempre que isto seja possível.

2. Não seria uma incoerência conscientizar um alcoólatra sobre a doença e depois demiti-lo?

Se parte da conscientização é a explicação de que um alcoólatra não pode ser culpado por tornar-se alcoólatra, mas deve ser responsabilizado por recuperar-se da doença, então não há incoerência alguma. Entendam bem: demitir-se-ia somente aqueles que voltassem a beber (reativando sua dependência) após serem conscientizados dos perigos do mesmo. O que muitos não parecem entender é que a única coisa que um alcoólatra não consegue fazer é *beber controladamente*. Mas *qualquer* alcoólatra pode *parar de beber e permanecer parado*, contanto que tenha passado por um tratamento adequado e esteja adequadamente motivado a continuar parado. E a melhor motivação para que um alcoólatra não experiemnte a bebida de novo é a ameaça de perder o emprego e/ou a família.

Em outras palavras, incoerência

seria conscientizá-lo disto e depois *não* demiti-lo se voltar a beber. Essa política teria o efeito de minar o programa de alcoolismo da empresa, pois eliminaria a motivação para os tratados (isto é, os desintoxicados e conscientizados) freqüentar o AA e permanecer afastados da bebida.

3. Por que não demitir também os empregados portadores de outras doenças graves, que não correspondem à expectativa da empresa?

Essa é a pergunta mais fácil de responder. É que o "doente" geralmente não controla sua doença. Mas o alcoólatra é um doente diferente. Ele *pode* controlar sua doença simplesmente não bebendo. Sua doença é a *dependência da droga álcool*. Essa dependência não lhe permite controlar o *beber*, como disse antes. Mas ele pode *parar de beber* e assim deixar sua dependência inoperante. Esse parar de beber geralmente requer tratamento. Mas, uma vez tratado, ele pode neutralizar sua dependência, não voltando a beber.

Além do mais, empregados portadores de outras doenças graves, que não correspondem à expectativa da empresa, invariavelmente *são* afastados da empresa de uma maneira ou outra.

4. Demiti-lo não seria o mesmo que condená-lo à morte?

Absolutamente. Se um alcoólatra voltar a beber após um tratamento, é porque não se convenceu daquilo que é cientificamente comprovável: que um alcoólatra não pode beber sem gerar conseqüências negativas para si e os outros. Ele estaria achando que ainda pode beber e a demissão é uma maneira de provar a ele que não pode (além de ser uma maneira de a empresa se livrar de um funcionário cujo orgulho e tei-

mosia irá criar cada vez maiores problemas). *Deixar* de demiti-lo seria equivalente a dizer-lhe que pode continuar bebendo, e essa lição, isto sim, o condenaria à morte.

O único ponto em que eu discordaria de Beatriz é na sua resposta à primeira pergunta, onde ela coloca: "Assim sendo, não é indicada uma única alternativa para aqueles alcoólatras que não se recuperam, pois há mais do que uma alternativa (transferência, benefício, aposentadoria ou demissão)". Para mim, transferência estaria fora de cogitação, pois seria simplesmente passar o problema para outro. Benefício e aposentadoria são caminhos simpáticos e fáceis mas que facilitam a continuação do beber do alcoólatra e, assim, o levam à morte por não dar-lhe motivação para abandonar a bebida.

Em termos morais, o único caminho mesmo — pensando no bem-estar, na saúde e na sobrevivência do alcoólatra — é a demissão. Aliás, a demissão tem salvado mais vidas que todas as atitudes paternalistas nas empresas. ●

Donald Lazo



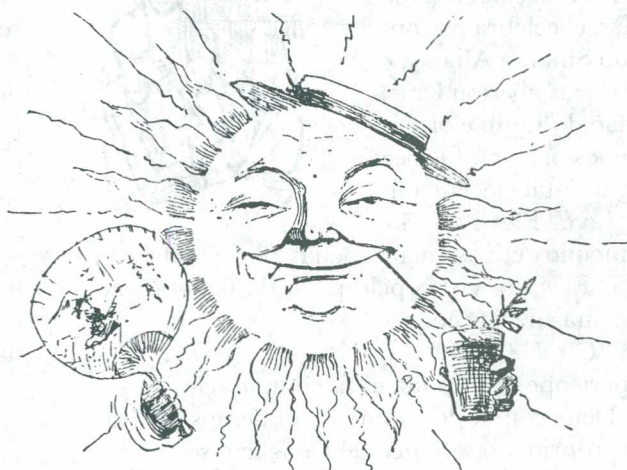
CHÁCARA REINDAL

Especializada em
alcooolismo

Sua melhor chance de se recuperar do alcooolismo e iniciar uma vida nova, produtiva e feliz.

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

EU E OS OUTROS



Criança é uma gatinha muito egocêntrica. Parece que ela só pensa nela, não respeita os outros. É como se só ela tivesse direitos e necessidades. Ela quer ser atendida primeiro. Não percebe que as outras são pessoas como ela, que têm também seus direitos e necessidades, e que precisam ser atendidos também.

Inicialmente, quando está brincando com outra criança, a outra é quase como um objeto, um brinquedo muito interessante e às vezes irritante. Duas crianças pequenas brincam juntas lado a lado, mas não brincam em equipe. Elas não têm muito senso de comunidade. Brincam juntas, mas não de forma totalmente entrosada. Não existe ainda cooperação, diálogo, em vista de uma finalidade comum. É também só pouco a pouco, com o evoluir da capacidade de conversar, que vai se desenvolvendo a capacidade de cooperar.

Ela já tem consciência de si como algo distinto do mundo externo, mas ela está no centro desse mundo. Tudo gira em torno dela. Com as outras experiências da vida social, o brincar, o conversar, o conviver com

os irmãos, amiguinhos, pais, tios, é que ela vai operando uma outra revolução: as coisas não giram todas em torno de mim. Existem também outras pessoas. Eu não sou o centro de tudo.

E isso também não é fácil de admitir. Todos conhecemos o ciúme da criança em relação ao irmãozinho ou em relação aos pais. Ela não gosta muito quando mamãe pega o irmão no colo e o acaricia com ternura: sua aflição é como se estivesse sendo roubada. Coloca-se freqüentemente entre os pais e separa as mãos um do outro. Não quer ficar para trás, custa a admitir que é apenas um dos membros da família.

Não é o sol que gira em torno da terra, mas o contrário! E a terra se move e existem outros planetas.

Quando ela se dá conta de que não é o único centro, que existem outros "eus", outras pessoas, então ela poderá bem mais facilmente trocar idéias, brincar junto em equipe, cooperar, dialogar, de maneiras bem mais profundas do que aquilo que podia fazer antes. ●

Mauro Martins Amatuzzi

ADORAR A DEUS E A CRUZ DE CRISTO

3.^o domingo da quaresma
06/03/88

1.^a leitura: Ex 20,1-7

Esta passagem do Êxodo apresenta-nos o decálogo. Ano após ano, Israel celebra o acontecimento do Sinai: a Aliança e o Decálogo. Deus libertou Israel da escravidão do Egito e orientou seus passos pela lei. Os dez mandamentos estabelecem a fidelidade a Javé. Eles não são simples princípios éticos, nem apenas normas da boa convivência. Eles são vistos pelo povo de Israel como garantia de sua libertação.

2.^a leitura: 1Cor 1,22-25

Nesta perícopa, Paulo faz uma comparação da sabedoria de Deus com a dos homens. Podemos constatar como o próprio ato salvífico de Deus não se enquadra na lógica dos homens. A salvação é obtida pela fé e é na cruz de Cristo que a vontade salvífica de Deus se torna gesto concreto. A cruz é poder e sabedoria de Deus e a sabedoria humana que não reconhece na cruz uma força libertadora se tornou incapaz de mostrar aos homens o caminho da salvação.

Evangelho: Jo 2,13-15

Para o evangelista João, Jesus, ao purificar o templo, o substituiu por sua própria pessoa. Cristo foi rejeitado em seu ato de purificação. Essa rejeição acaba dando um nascimento ao novo centro de culto, isto é, seu corpo. É em Jesus que contemplamos a glória do Pai e o adoramos em Espírito e Verdade.

Comentário:

Neste Evangelho Jesus se dirige ao templo de Jerusalém, que é como o coração do povo judeu e o símbolo de sua religião.

Porém, também é o lugar onde se estabelecem a corrupção e o poder. É o lugar onde os sacerdotes exercem as funções sagradas; aqui é onde o povo necessita recorrer para oferecer suas vítimas. O templo é o lugar onde afluem as oferendas e os dons de todo o país. Os apóstolos não compreendiam a Palavra de Jesus. Para eles não havia coisa mais sagrada que o templo e a Escritura. Somente depois é que compreenderam que a pessoa de Jesus é o verdadeiro templo. Até então os homens construía-
m templos e procuravam lugares onde pudessem encontrar Deus e lucrar seus favores. Deus se faz presente na pessoa de Jesus e é Jesus que nos entrega todas as riquezas de Deus. O tema central da liturgia de hoje é a adoração de Deus. É o que o Antigo Testamento entende por "temor de Deus". Este temor



se expressa na lei do Sinai, cujo resumo são os dez Mandamentos. Jesus veio nos ensinar, não tanto por suas Palavras, mas sobretudo por seu gesto de adoração total, que é obedecer a Deus a ser irmão dos homens. Seu gesto é mais eloqüente do que qualquer Decálogo. Doravante a adoração de Deus não mais se chama temor, mas amor por Deus. Jesus é o verdadeiro lugar de adoração de Deus. Deus se revelou no Cristo. Cristo é o sinal pedido pelos judeus, é a sabedoria buscada pelos gregos, é a salvação esperada pelo homem. Cristo vai revelando Deus e as riquezas que existem em cada um. A limpeza do templo é um profundo simbolismo: nós devemos limpar a morada de Deus, que somos nós mesmos. Deus habita em nós, é uma riqueza encontrada em nosso ser. Não devemos excluir Deus. Se assim o fizermos estaremos abrindo as portas para que habite em nós tudo o que há de mal no mundo. Deus deve tomar conta de seu templo. Nós devemos manter a dignidade nascida da realidade. Deus está presente em cada um. Somos templos de Deus e por isso devemos ser verdadeiros homens de fé, pregadores de fé.

NOSSA VIDA RESTAURADA EM CRISTO

4.^o domingo da quaresma
13/03/88

1.^a leitura: 2Cr 36,14-16

Esta leitura vem nos apresentar que o pecado dos chefes e do povo são a causa última da destruição da Cidade Santa e do Exílio. Este fato é o cumprimento de uma profecia, mas nem tudo está perdido: o edito de Ciro manifesta a certeza de que Deus não abandonou o seu povo. O povo tem fé num Deus que castiga, mas que não abandona. O edito permite que os deportados retornem e reconstruam o templo.

2.^a leitura: Ef 2,4-10

Paulo, nesta perícopa, desenvolveu a doutrina da salvação gratuita em Cristo. É marcante a ação de Deus que se contrapõe ao estado de pecado em que o homem vivia antes de ser salvo. Para Paulo o homem se salva pelo dom de Deus e não por suas obras. Estas são frutos produzidos pela graça no coração do homem que aceita Deus na sua vida.

Evangelho: Jo 3,14-21

Na Quaresma, este Evangelho nos alerta à conver-



são diante do Cristo morto e ressuscitado. Ninguém pode ficar indiferente diante do gesto supremo do amor de Deus. A glória de Deus, a manifestação de seu ser, é o amor de Cristo dado por nós até o fim. Devemos, na fé, assumir este acontecimento de Deus em Jesus e assim teremos a vida eterna.

Comentário:

Na Quaresma a liturgia relaciona a caminhada de Israel com a revelação em Cristo e nossa salvação pela fé, professada no Batismo. A liturgia de hoje é atravessada por um fio homogêneo: a passagem da morte à vida, das trevas à luz, do pecado à reconciliação. Na primeira leitura é analisado o comportamento condenável dos condutores do povo, e sobre eles e o povo caem as iras de Deus. Em meio a tanta depravação surge um templo novo que é Cristo, elevado ante os homens, pois o amor de Deus sempre os acompanha.

Não obstante seus pecados, Deus não abandona os homens. Nós somos revivificados com Cristo e a gratuidade deste agir de Deus não é por nossos méritos, mas pela sua vontade, em sua grande misericórdia.

Nosso relacionamento com Deus deve ser vital e a maneira de reconciliarmos com Ele é não mais rejeitarmos sua oferta de amizade. Devemos aceitar a nova vida que nos é oferecida, nossa nova reconciliação, numa práxis que vem de Deus e que nós assumimos em união com Cristo. Só o Cristo nos revela o verdadeiro Deus, do qual somente nos pode vir a salvação. Este Cristo é um julgamento porque obriga o homem a confrontar o seu procedimento e seu modo de ver as coisas: tudo deve ser visto à luz de Cristo. Para João, o julgamento acontece na rejeição de Cristo, enviado do Pai. Sendo o amor e a bondade as forças que impulsionam o agir de Deus, seu julgamento vem marcado por elas. Os pensamentos de Deus não são de vingança, nem de punição seus gestos. São apelos ao nosso amor e à verdade. É pela luz da verdade que nós devemos nos julgar. Esta Quaresma deve nos levar a um novo agir. É necessário participarmos da Campanha da Fraternidade ou algo semelhante, que nos leve a viver na luz projetada pelo Filho de Deus, morto na cruz por nós. É preciso que façamos algo, para que se encarne o que Deus quer para conosco: um amor em atos e verdade.

A "HORA" DA EXALTAÇÃO DE JESUS

5.º domingo da quaresma
20/03/88

1.ª leitura: Jr 31,31-34

Nesta perícopes a profecia da Nova Aliança marca uma nova compreensão do plano salvífico de Deus no Antigo Testamento. Jeremias é encarregado de anunciar a Palavra de Deus em um período difícil da história de Israel: os anos que precederam a grande catástrofe da destruição de Jerusalém e do Exílio. Sua pregação produziu pouco ou nenhum efeito. O profeta estava convencido de que esse povo tinha mais chance diante de Deus. Deus revela a Jeremias que Ele vai fazer uma nova aliança com seu povo.



2.ª leitura: Hb 5,7-9

Os quatro versículos desta leitura contêm resumida toda a Cristologia. Apresentam Jesus Cristo nosso sumo sacerdote que sofre com e como os homens, na paixão. Cristo é perfeito discípulo de Deus, que na obediência descobriu a lógica do plano de Deus, a doação até o fim. O cristão deve aprender que seus atos podem adquirir um novo significado à luz dos atos de Jesus.

Evangelho: Jo 12,20-30

Neste texto evangélico alguns gregos querem conhecer Jesus. A resposta de Jesus supera sua expectativa: iniciou a hora de Jesus, a manifestação de sua glória, sua exaltação. Este episódio serve para concluir a atividade pública de Jesus e inaugurar esta "hora", que, até agora, "ainda não chegou".

Comentário:

Neste quinto domingo da Quaresma deparamos com o núcleo do mistério: a Nova Aliança, a oblação e exaltação de Jesus como glória de Deus. É proclamada a iminência da "hora" e esta proclamação faz-se na seqüência de um pedido, o de alguns gregos que queriam ver Jesus. A pergunta desses gregos dá a Jesus a oportunidade para anunciar que seu reino se estenderá

LEITURAS DA SEMANA

FEVEREIRO - DIA 7, 2.ª: 2Rs 5,1-15a; Lc 4,24-30 ou facultativas: Ex 17, 1-7; Jo 4,5-42. DIA 8, 3.ª: Dn 3,25.34-43; Mt 18,21-35. DIA 9, 4.ª: Dt 4, 1.5-9; Mt 5, 17-19. DIA 10, 5.ª: Jr 7,23-28; Lc 11,14-23. DIA 11, 6.ª: Os 14,2-10; Mc 12,28b-34. DIA 12, SÁBADO: Os 6,1-6; Lc 18,9-14. DIA 14, 2.ª: Is 65,17-21; Jo 4,43-54 ou facultativas Mc 7,7-9; Jo 9,1-41. DIA 15, 3.ª: Ez 47,1-9. 12; Jo 5,1-16. DIA 16, 4.ª: Is 49,8-15; Jo 5,17-30. DIA 17, 5.ª: Ex 32,7-14; Jo 5,31-47. DIA 18, 6.ª: Sb 2,1a.12-22; Jo; 7,1-2.10.25-30. DIA 19, SÁBADO: prs: 2Sm 7,4-5a.12-14a.16; Rm 4,13.16-18.22; Mt 1,16.18-21.24a ou Lc 2,41-51a. DIA 21, 2.ª: Dn 13,1-9.15-17.19-30.33.62 ou abrev. 41c-62; Jo 8,1-11 ou facultativas 2Rs 4,18b-21.32-37; Jo 11,1-45. DIA 22, 3.ª: Nm 21,4-9; Jo 8,21-30. DIA 23, 4.ª: Dn 3,14-20.91-92.95; Jo 8,31-42. DIA 24, 5.ª: Gn 17,3-9; Jo 8,51-59. DIA 25, 6.ª: ANUNCIAÇÃO DO SENHOR, Is 7,10-14; 8,10; Hb 10,4-10; Lc 1,26-38. DIA 26, SÁBADO: Ez 37,21-28; Jo 11,45-56. DIA 28, 2.ª. SANTA: Is 42,1-7; Jo 12,1-11. DIA 29, 3.ª. SANTA: Is 49,1-6; Jo 13,21-33.36-38. DIA 30, 4.ª. SANTA: Is 50,4-9a.; Mt 26,14-25. DIA 31, 5.ª. CEIA DO SENHOR: Is 61,1-3a.6a.8b-9; Ap 1,5-8; Lc 4, 16-21. DIA 1, 6.ª: PAIXÃO DO SENHOR: Is 52,13-53,12; Hb 4,14-16;5,7-9; Jo 18,1-19,42. DIA 2, SÁBADO SANTO: 1.ª Gn 1,1-2,2 (ou 1,1.26-31a); 2.ª Gn 22,1-18 (ou 1-2. 9a.10-13.15-18); 3.ª Ex 14,15-15,1; 4.ª Is 54,5-14; 5.ª Is 55,1-11; 6.ª Br 3,9-15.32-44; 7.ª Ez 36,16-17a.18-28; Rm 6,3-11; Mc 16,1-12.

por toda a terra. Jesus irá morrer e nascerá a Igreja universal. Jesus deixa que seu corpo seja depositado no sepulcro; ao levantar-se da sepultura, seu mesmo corpo será glorificado, será um sinal para todos os que nele crêem e estão unidos a ele. A vida que, agora, é própria de Jesus será comunicada a todos os Filhos de Deus. Se o grão de trigo não morrer: é a lei de toda a vida que quer ser fecunda e muitas vezes ouvimos que “o sangue dos mártires é semente de novos cristãos”. A morte é necessária para que a vida se manifeste em plenitude. Jesus abre a todos este mistério. O seu Êxodo e sua Páscoa são de todos. Muitos ainda hoje compreendem esta mensagem e procuram vivê-la de maneira coerente, conscientes de sua missão. A vida humana não foi feita para ser preservada, mas para ser conquistada mediante o dom total. O importante é estar preparado para a experiência da angústia e o essencial é não fugir da “hora”. Nesta “hora”, Deus se manifesta e mostra no homem que se eleva na dor e supera a morte passando por ela.

A história mostra muito bem a todo o povo o que pode significar esta expressão. A “hora” é o momento da plena revelação da identidade de Jesus. Cada pessoa é chamada para configurar-se com este mesmo Jesus e é só na realização efetiva desta vocação, na trama de uma vivência pascal, que se encontra e se desvela quem é o Filho do Homem.

Ao aproximar de mais uma Semana Santa, devemos estar conscientes de que a principal arma que Jesus usou para enfrentar e vencer seu adversário é a obediência no amor até o fim.

BENDITO O QUE VEM EM NOME DO SENHOR

Domingo de Ramos
27/03/88

Evangelho da procissão de ramos: Jo 12,12-16

Este primeiro texto bíblico é o da entrada de Jesus em Jerusalém. O povo, ao encontro de Jesus, com ramos de palmeira grita a aclamação messiânica “Hosana”, que significa “salvai-nos”. João não descreve Jesus como rei humilde, mas como o “rei de Israel”. O Domingo de Ramos é festa de Cristo Rei. O messiânismo de Jesus é a vitória sobre o mundo pela cruz.

1ª leitura: Is 50,4-7

Esta perícope é retirada dos poemas do Servo so-



fredor. Nele, o servo fala de si mesmo. Ele é descrito como sendo o perfeito discípulo, o profeta fiel, que não teme a perseguição, pois está do lado de Deus.

2ª leitura: Fl 2,6-11

Paulo cita aos cristãos de Filipos um hino cristológico. Vemos o despojamento de Cristo por nós e sua exaltação. O Filho de Deus se tornou servo, obediente à vontade do Pai e exposto aos poderes deste mundo. Deus o glorificou e o tornou “Senhor”.

Evangelho: Mc 14,1-15,47

Esta narração de Marcos limita-se à estrutura essencial dos acontecimentos. O evangelista não disfarça o terrível paradoxo do sofrimento do Senhor. A cruz é apresentada como verdadeiro escândalo para os discípulos e ele pretende levar todas as pessoas a reconhecerem que precisamente na sua morte Jesus se revela Filho de Deus.

Comentário:

Jesus é o Filho querido de Deus, o Servo que, em obediência ao amor de Deus para com os homens, dá a sua vida, realizando em plenitude o que prefigurou o Servo no tempo do Exílio. Como Filho de Deus ele é também o Filho do Homem. Sua condenação sob falsas alegações religiosas e políticas significa o primeiro passo para sua vinda gloriosa. Temos de ser testemunha de que Deus nos ama e é uma presença constante em nossas vidas. Ele nos ama e por isso se fez homem para compartilhar de nossa situação. Deus desceu tanto até nós a ponto de se tornar escravo e o último dos homens. Ele participou de nossa condição fraca e morreu como um malfeitor.

São Paulo em uma de suas cartas nos diz: Deus transformou em loucura a sabedoria deste mundo. Aquilo que nos parece impossível se tornou em Jesus crucificado realidade histórica.

Somos preferidos de Deus. Somos tão importantes para Deus a ponto de seu Filho fazer-se homem como nós. Somente a partir de Deus é que compreendemos de fato quem somos. Nós devemos ser colaboradores de Deus. Temos de testemunhar seu amor, sua misericórdia, sua justiça.

A Semana Santa narra a misericórdia de Deus. O amor triunfa, a compaixão triunfa. Deus dá um sentido redentor à sua condenação e um significado de reconciliação à sua morte prefigurada na cruz.

Deus conquista todos os homens com seu imenso amor, na forma do perdão e da misericórdia. Nós lhe demos a morte, Ele nos mostrou a vida. Ressuscitou para que também nós ressuscitemos e andemos sempre com Ele. Com o Domingo de Ramos iniciamos a Semana Santa. Nela comemoramos os principais mistérios do cristianismo. Durante esta semana viveremos os mistérios mais profundos da condição humana e o ponto culminante será o Domingo da Ressurreição.

Hélio Aparecido Alves de Oliveira, cmf

Jesus

Quase te alcanço,
mas eu me canso
e pelos cantos
te esqueço...
Enfim, enlouqueço
com os erros do paladar
e por não ter coragem
de te buscar...
Sim, Jesus,
vem ser meu tóxico,
minha maconha
pra que eu me exponha
à sua alienação.
Ser minha cocaína,
minha droga,
minha vacina;
minha prosa,
meu verso,
meu inverso,
meu avesso,
minha história.
Ser minha cana,
minha gana,
meu uísque,
meu vinho,
meu ensino,

meu álcool,
meu beber
pra que eu me
embriague
do teu ser.
Ser meu cigarro,
meu agarro;
meu enredo,
meu samba,
meu come-dedo,
meu vício,
meu início,
meu incenso,
meu fermento,
pra que eu gaste
contigo, meu tempo.
Te digo: sou fraco,
sou nada, sou caco!
O mais sábio dos
homens
não chega aos teus pés;
o que serei eu diante de ti
se não chego aos pés
do mais sábio dos
homens?

Ronaldo

Imaturidade



Sexo, carisma
esquecido; agora é
transa que trança nos
cuvicos e esquinas das
meninas.
Daí, parei aqui, infeliz;
sozinho na rua impura;
mesmo menino falta-me
carinho, o que não foi
presente na mente da
mãe perdida, sumida,
porém querida, quando
encontrá-la, pra
amá-la...
Do pai atual, mente
mortal; corpo saudável,

irresponsável...
Na Praça da Sé, meu
inferno; à mercê da
sorte e da morte que
diariamente chamo.
Inicialmente a droga
presente; em vez de
escola o cheiro da cola;
no cigarro o arraso.
Minha morada: as
estradas.
E o que fazeis vós?
Incentivais a estada de
jovens a S.Ó.S.

(Ronaldo José de Souza, 16
anos - Pombal, PB)

RELENDO A BÍBLIA

Caminhada de Abraão

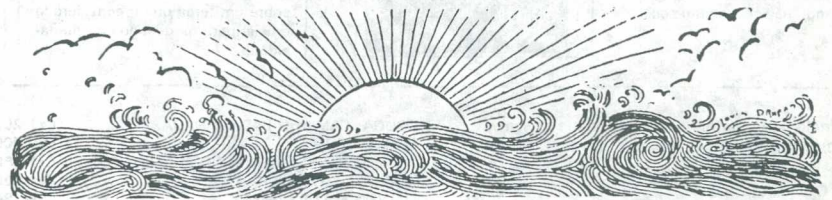
Leia na Bíblia, no livro do Gênesis, os capítulos 12 e 13. Há nesses capítulos a descrição da caminhada de Abrão de Harã até Mambré em Hebron. À medida que for lendo, complete os nomes de: cidades, vales, deserto e países por onde ele passou:

- 1 - H _ _ _
- 2 - S _ _ _ _
- 3 - M _ _ _
- 4 - B _ _ _ _
- 5 - N _ _ _ _
- 6 - E _ _ _ _
- 7 - C _ _ _ _
- 8 - M _ _ _ _
- 9 - H _ _ _ _

COLOQUE AS VOGAIS

"D _ _ S CR _ _ _ H _ M _ M _ S _ _ M _ G _ M; CR _ _ _ _ _
_ M _ G _ M D _ D _ _ S, CR _ _ _ _ H _ M _ M _ _ M _ LH _ R. D _ _ S
_ S _ B _ NÇ _ _ _ _."

(Gn 1, 27-28)



"D _ _ S C _ NT _ MPL _ _ T _ D _ _ S _ _ BR _ , _ V _ _ Q _ _
T _ D _ _ R _ M _ _ T _ B _ M."

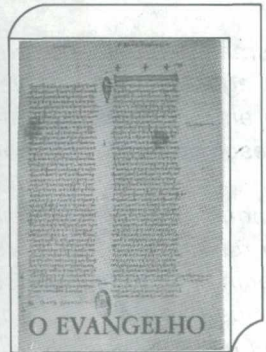
(Gn 1, 31)

(Nota: não foram usados todos os nomes citados)



DROGA: CAMINHO PARA O NADA — Equipe Editorial Claretiana, AM edições, 136 p. Este livro mostra tudo aquilo que pode constituir um programa prático de vida e os vários elementos que devem ser considerados para que se retome o rumo da vida desviada. O drama que o jovem, o adolescente, ou até mesmo a criança vive por desamor, os leva a procurar nas drogas a libertação de sua própria solidão. O livro dá sugestões de como o Evangelho e os salmos são um antídoto contra esse mal.

O EVANGELHO — Ed. Regnum Dei - 414 p. Texto integral dos quatro evangelhos enriquecido com 136 ilustrações e 43 gráficos que localizam facilmente os acontecimentos relativos à vida de Jesus. Uma ampla introdução e as numerosas notas sobre religião, cultura, sociedade, política etc. permitem uma compreensão mais fundamentada das atitudes de Jesus para com o meio e as consequências que estas implicam. O texto é estruturado em sinopse (atualmente única no Brasil). Destaca diferenças e paralelismos existentes, para assim evidenciar o enfoque específico com que cada evangelista nos transmite o "evento" Jesus Cristo.



A PASTORAL DO MENOR NO BRASIL, HOJE — Joacir Della Giustina, Editora Vozes, 190 p. O enfoque desta obra é diferente daquelas que estamos acostumados a ler. Baseando-se na Bíblia, Santos Padres, Encíclicas, Documentos de Medellín, Puebla e CNBB, o Pe. Joacir reflete sobre a teologia do menor e da marginalização. A novidade deste livro é que, recorrendo à mediação das ciências sociais, há a descoberta do menor marginalizado como juiz de uma sociedade viciada em suas relações comportamentais. O menor é vítima que acusa a sociedade.

A IGREJA E OS MIGRANTES — Rioldo Azzi, Edições Paulinas. 370 p. O livro está dividido em 4 partes: a presença escalabriniana no Espírito Santo, em São Paulo, no Paraná e no Rio Grande do Sul. É uma excelente apresentação histórica não só da Congregação dos Missionários de São Carlos (Escalabrinianos), mas da Igreja e da Sociedade dos imigrantes italianos em terras brasileiras, nas duas últimas décadas do século XIX e primeira década do século XX. O autor enfoca 3 dimensões fundamentais do apostolado dos Carlistas: missionária, cultural e eclesial, tudo voltado para os imigrantes.



NÃO ME MATE, MAMÃE! — Ardens — Editora Regnum Dei, 70 p. — "O primeiro direito de uma pessoa é a sua vida. Ela tem outros bens e alguns deles preciosos; mas este — o da vida — é fundamental, condição de todos os demais. Por isso deve ele, mais do que qualquer outro, ser protegido." Eis um texto que, através de algumas reflexões de caráter espiritual, nos leva a descobrir e valorizar o ser humano como criatura de Deus, feito "à sua imagem e semelhança". É um "diário misterioso" no qual o Autor quer penetrar o "mistério" da vida através do que vive, sente, pensa um feto antes de vir à luz.



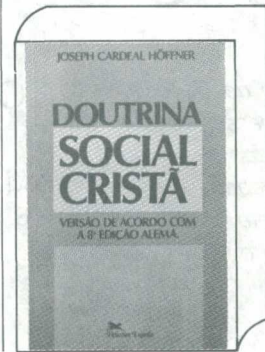
AIDS: O QUE É? COMO EVITAR? — Marcelo W. Paiva, Edições Paulinas, 73 p. — Colaborando com as campanhas de ação concreta em relação à Aids, doença nova, grave, incurável, é que foi publicado este livro. Faz uma apresentação fácil, clara de que é a doença, como pode se dar o contágio, como deve ser a pastoral da Igreja com relação aos aidsíctics. É preciso encarar a Aids, com compreensão e responsabilidade, tendo em vista com a maior objetividade possível o fenômeno humano, médico, sanitário e social.

O DIA DE ÂNGELO — Frei Betto, Editora Brasiliense, 133 p. — O Autor deste livro é conhecido como autor de *Fidel e a Religião* e como "intelectual do ano de 1986". Neste romance, ele apresenta a vida carcerária, mostrando ao mesmo tempo a maravilha da condição humana e o grito de amor, liberdade e esperança. É uma obra de arte lançando o seu clamor de justiça. Frei Betto consegue descrever os porões da política brasileira e decifrar os mistérios do inconsciente com muita arte e profundidade.



REVOLUÇÃO CIENTÍFICO-TÉCNICA E ACUMULAÇÃO DO CAPITAL — Theotônio dos Santos, Editora Vozes, 286 p. — Como o próprio Autor diz, neste trabalho foi tentada uma análise sistemática das consequências decorrentes da submissão da produção à ciência e do desenvolvimento da automação sobre os processos de invenção, inovação e difusão, bem como dos seus impactos sobre o crescimento econômico. E espera ter ajudado no avanço da discussão e da pesquisa sobre um tema que é considerado crucial para os destinos da humanidade.

DOCTRINA SOCIAL CRISTÃ — Joseph Hoefner, Edições Loyola, 229 p. — Este livro está na sua 8.ª edição em alemão e há versões em diversas línguas. A intenção do autor é que todos os fiéis estudem os princípios básicos da doutrina social que podem aplicá-la como foi pedido no Concílio Vaticano II e também auxiliar as escolas, seminários, paróquias e movimentos leigos de apostolado conforme o desejo do papa João XX III. Não é doutrina nova da Igreja, mas orientações novas à luz do Evangelho hoje.



A JUSTIÇA QUE BROTA DA FÉ — J. I. González Faus e outros, Edições Loyola, 183 p. — A prática da justiça é critério de identidade resgatada para o cristianismo (1.ª parte do livro), textura cosmovisual (2.ª parte), e da possibilidade de ser autenticamente vivido (3.ª parte). Esta obra é fruto de um seminário no qual todos assumem a responsabilidade de suas partes e também da obra inteira. A paz real é fruto da justiça para todos estabelecida. Esta a idéia central do livro.

Assine e nos quadrinhos a quantidade de livros desejados e remeta este cupom para:

Livraria "AVE MARIA"
Cx. Postal 54.215
01226 — SÃO PAULO

(Tels.: #6-0582 e 825-0700)

Obs.: Atendemos por Reembolso Postal. Pedidos de valor inferior a Cz\$ 50,00 deverão vir acompanhados do respectivo pagamento, por vale postal ou selos novos do Correio.

DROGA: CAMINHO PARA O NADACz\$ 250,00
 O EVANGELHO.....Cz\$ 200,00
 A PASTORAL DO MENOR NO BRASIL, HOJECz\$ 450,00
 A IGREJA E OS MIGRANTESCz\$ 730,00
 NÃO ME MATE, MAMÃE.....Cz\$ 80,00
 AIDS: O QUE É? COMO EVITAR?.....Cz\$ 120,00

O DIA DE ÂNGELOCz\$ 372,00
 REVOLUÇÃO CIENTÍFICO-TÉCNICA E ACUMULAÇÃO DO CAPITALCz\$ 600,00
 DOCTRINA SOCIAL CRISTÃCz\$ 450,00
 JUSTIÇA QUE BROTA DA FÉCz\$ 165,00

Nome: _____

Rua _____ N.º _____

Cidade _____ Estado _____

CEP _____ Assinatura _____

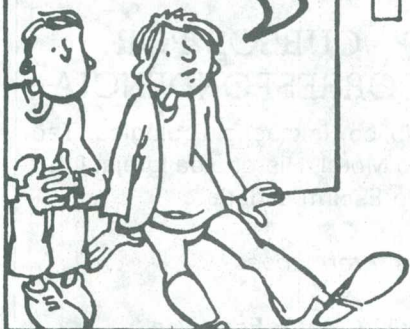
QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

(Recado do Cortês)

QUEM AS
PESSOAS DIZEM
QUE SOU?



POIS VOU LHE DIZER UMA
COISA: SE PARA ELES O
AMOR É O PRINCIPAL MAN-
DAMENTO, POR QUÊ ACHAM
TÃO DIFÍCIL ENTENDER
OS JOVENS?



AS PESSOAS JÁ
NÃO FALAM DE VOCÊ,
NEM DA RELIGIÃO...
DESENGANE-SE!



AGORA SÓ FALAM DE
POLÍTICA, OU DAS DROGAS,
OU DOS PROGRAMAS DE
TELEVISÃO...



VOCÊ ESTÁ DIZENDO
QUE É CATÓLICO?
PUXA! VOCÊ PARECE
TÃO MODERNO...



MAS... E QUANDO SE
APAIXONAM? TAMBÉM
NÃO FALAM DE
DEUS?



Escola Popular do Sacavém

(A prática da fraternidade não se contenta só com assistencialismo.

Aqui está mais um exemplo de nova estrutura junto ao menor para combater sistematicamente a marginalidade. Este relato foi extraído do jornal Tempos Novos, de São Luís.)

A Escola Popular do Sacavém é uma escola "aberta". Funciona na rua São Luís, 76, bairro de Sacavém, em São Luís, Maranhão. Ela nasceu da preocupação de um grupo de moradores com o aumento de crianças na rua e com o surgimento de quadrilhas organizadas de delinquentes. Estas quadrilhas eram formadas por jovens do próprio bairro.

Os moradores, então, passaram a discutir, planejar e organizar uma escola que atendesse às crianças que estavam na rua, aos menores carentes e aos que não tinham conseguido ir para escola nenhuma. Apareceram voluntários. Foi montado um esquema de atendimento. E a população do bairro foi mobilizada para participar do projeto.

Quando a escolinha iniciou as suas atividades, muitos alunos começaram a freqüentar suas aulas. Eram aulas descontraídas, alegres e muito dinâmicas, diferentes das de uma escola comum. As professoras estavam preparadas para tratar os alunos com muita cordialidade, ajudando as crianças a agirem com solidariedade entre si.

Muito amor, muito carinho eram colocados nos gestos. Este espírito de pedagogia libertadora e fraterna foi naturalmente mantido até os dias atuais. O currículo, os conteúdos programáticos sempre foram muito flexíveis e adaptados à realidade.

Atualmente, os alunos da Escola Popular do Sacavém recebem aulas de português, matemática, desenho, estudos sociais. Está sendo montada uma oficina de solda e serralheria com recursos da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) e orientadores do bairro. Funciona de manhã e à tarde.

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA

I. Bíblico, Iniciação Teológica, Teologia Moral, História da Igreja, Liturgia e Espiritualidade.

Mais informações

Escola "Mater Ecclesiae"

Rua Benjamin Constant, 23 -
3º andar
20241 - Rio de Janeiro - RJ

RELENDO A BÍBLIA

RESULTADO

Os nomes de algumas cidades, vales, deserto e países por onde Abraão passou:

- 1 - H A B I L
- 2 - S L O U E M
- 3 - M O B É
- 4 - B E I E L
- 5 - N E G E B
- 6 - E G I P T O
- 7 - C H A N A N
- 8 - M A M B R É
- 9 - H E B R O N

"D E U S C R I O U O H O M E M À S U A I M A G E M ; C R I O U - O A I M A G E M D E D E U S , C R I O U O H O M E M E A M U L H E R . D E U S O S A B E N Ç O U ."
(Gn 1, 27-28)

"D E U S C O N T E M P L O U T O D A A S U A O B R A , E V I U Q U E T U D O E R A M U L T O B O M ."
(Gn 1, 31)

Prêmio "Grandes Educadores Brasileiros"

Se você conheceu ou tem dados sobre algum grande educador brasileiro já falecido e deseja participar de um concurso anual: "MONOGRAFIA DA VIDA E OBRA DE UM GRANDE EDUCADOR BRASILEIRO", peça mais informações para: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Caixa Postal 04/0366 - 70312 Brasília, DF.

ORAÇÃO DA CF-88

*Deus de nossos pais, Senhor da História,
Pai dos pobres!*

*Tu que ouviste o clamor de teu povo Israel
e o libertaste da letra da servidão,
arranca de nosso coração,*

*da tua Igreja e de nossa sociedade,
as marcas do pecado da escravidão,
que dominou o Brasil, por tantos séculos!*

*Livra-nos do racismo, do preconceito
e da discriminação!*

*Ouve o clamor do povo negro,
com todos os empobrecidos da terra,
a caminho da Libertação!*

Faze reinar entre nós tua Justiça:

*“derruba do trono os poderosos
e exalta os humildes,
sacia de bens os famintos
e despede os ricos sem nada”.*

Senhor, apressa o dia,

*em que, vivendo o teu Amor,
sejamos, no coração da história,*

semente de Povo Novo,

livre de toda injustiça e de todo pecado.

*Isso te pedimos com a Virgem Aparecida,
por Jesus Cristo, na unidade do Espírito
Santo!*

Amém!



**CÁRITAS
BRASILEIRA**

Uma mão lava a outra. E muitas libertam. Participe você também do esforço que faz a Igreja no Brasil para socorrer milhares de brasileiros que vivem em situações de emergência. A emergência da fome, do desemprego, da luta pela terra, da luta pela vida.

Junte-se a nós. E dê a sua contribuição depositando, sempre que puder, qualquer valor, para:

**CONTA-CÁRITAS — N.º 66.000-0
BANCO BRADESCO — AGÊNCIA: 484-7
BRASÍLIA - DF**


Nota:

Para sua informação, prezado leitor, encontra-se hoje en-

tre os colaboradores mais fiéis da **Conta-Cáritas** o povo mais humilde. Hoje, cadastrados em nossos arquivos, eles somam cerca de 2 mil pessoas. E foram responsáveis por:

1. Ajuda às famílias atingidas pelas enchentes, em Bragança Paulista - SP.
2. Socorro imediato às famílias acampadas em Propriá - SE.
3. Apoio à organização sindical em Senhor do Bonfim - BA.
4. Atendimento do bairro Alagados em Salvador - BA.
5. Ajuda às famílias desabrigadas pelas enchentes em S. Miguel - SP.
6. Ajuda às famílias desabrigadas pelo vendaval, em Lajes - SC.
7. Ajuda aos trabalhadores rurais sem terra, em Teresina - PI.
8. Atendimento imediato aos flagelados da seca, em Januária - MG.
9. Ajuda às vítimas do terremoto em El Salvador (novembro de 1986).
10. Ajuda às vítimas do terremoto em João Câmara - RN.

OUVI O CLAMOR DESTE POVO

CAMPANHA DA FRATERNIDADE
1988 · CNBB 

CARTAZ CF-88. "A figura de perfil e estilizada de um negro simboliza a população negra massificada, sem rosto, não-gente, clamando aos céus e deixando sair, neste grito, uma reverberação multiplicada do que traz dentro de si em revolta, angústia e esperança. A reverberação em diversas cores simboliza, também, as diversas etnias que há no Brasil, grande contingente de brasileiros que têm negros em sua ascendência e o sangue do martírio derramado em tantos séculos de tortura. Ao mesmo tempo é uma convocação a todos os homens de boa vontade para, na soma de esforços, se conseguir a

libertação. A situação do povo negro faz ver com nova ótica a situação de todos os oprimidos e marginalizados no Brasil. O grito é lançado ao ar, para cima, na simbologia que indica a direção de Deus e de todo o universo. O fundo azul expressa a concretização da esperança na resposta do Deus Libertador e na utopia que se manifesta em sinais de sua realização no dia-a-dia. "Ouvi" pode ser lido a partir de Deus que escuta ou de cada um de nós ou da sociedade que estamos ouvindo... mas pode também ser um mandado de Deus: "ouvi vós!..." É também uma súplica.